

I Linguagem e Comunicação

1.1. TEORIA DA COMUNICAÇÃO

1.1.1. O esquema da comunicação

Existem vários tipos de comunicação: as pessoas podem comunicar-se pelo código Morse, pela escrita, por gestos, pelo telefone, etc.; uma empresa, uma administração, até mesmo um Estado podem comunicar-se com seus membros por intermédio de circulares, cartazes, mensagens radiofônicas ou televisionadas, etc.

Toda comunicação tem por objetivo a transmissão de uma mensagem, e se constitui por um certo número de elementos, indicados no esquema abaixo:

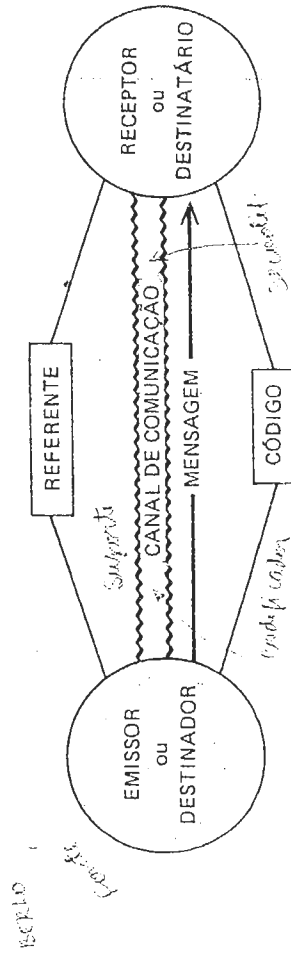


Fig. 1. Esquema da comunicação.

Estes elementos serão explicitados a seguir.

1.1.2. Os elementos da comunicação

a. O emissor ou destinatário é o que emite a mensagem; pode ser um indivíduo ou um grupo (firma, organismo de difusão, etc.).

VANOYE, Francis. Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

b. O receptor ou destinatário é o que recebe a mensagem; pode ser um indivíduo, um grupo, ou mesmo um animal ou uma máquina (computador). Em todos estes casos, a comunicação só se realiza efetivamente se a recepção da mensagem tiver uma incidência observável sobre o comportamento do destinatário (o que não significa necessariamente que a mensagem tenha sido compreendida: é preciso distinguir cuidadosamente recepção de compreensão).

c. A mensagem é o objeto da comunicação; ela é constituída pelo conteúdo das informações transmitidas.

d. O canal de comunicação é a via de circulação das mensagens. Ele pode ser definido, de maneira geral, pelos meios técnicos aos quais o destinatário tem acesso, a fim de assegurar o encaminhamento de sua mensagem para o destinatário:

- meios sonoros: voz, ondas sonoras, ouvido...
 - meios visuais: excitação luminosa, percepção da retina...
- De acordo com o canal de comunicação utilizado, pode-se empreender uma primeira classificação das mensagens:
- as mensagens visuais, que recorrem à imagem (mensagens "icônicas": desenhos, fotografias) ou aos símbolos (mensagens simbólicas: a escrita ortográfica);
 - as mensagens sonoras: palavras, músicas, sons diversos;
 - as mensagens tácteis: pressões, choques, trepidações, etc.;
 - as mensagens olfativas: perfumes, por exemplo;
 - as mensagens gustativas: tempero "quente" (apimentado) ou não...
- Observação: um choque, um aperto de mão, um perfume só constituem mensagens se veicularem, por vontade do destinatário, uma ou várias informações dirigidas a um destinatário.

A transmissão bem-sucedida de uma mensagem requer não só um canal físico, mas também um contato psicológico: pronunciar uma frase com voz alta e inteligível não é suficiente para que um destinatário desatento a receba (cf. sobre este assunto 2.1. e 3.1).

e. O código é um conjunto de signos e regras de combinação destes signos; o destinatário lança mão dele para elaborar sua mensagem (esta é a operação de *codificação*). O destinatário identificará este sistema de signos (operação de *decodificação*) se seu repertório for comum ao do emissor. Este processo pode se realizar de várias maneiras (representaremos por dois círculos os repertórios de signos do emissor e do receptor):



1.º caso:

- a comunicação não se realizou; a mensagem é recebida, mas não compreendida: o emissor e o receptor não possuem nenhum signo em comum.

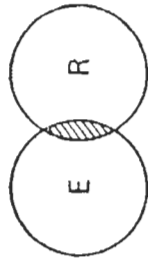
Exemplos:

- mensagem cifrada recebida por um receptor que ignora o código utilizado; neste caso, poderá haver uma operação de decodificação, mas ela será longa e incerta;
- conversa (?) entre um brasileiro e um alemão, em que um não fala a língua do outro.

2.º caso:

- a comunicação é restrita; são poucos os signos em comum.

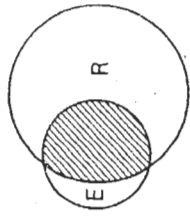
Exemplo: conversa entre um inglês e um estudante brasileiro de 1.º grau que estuda inglês há um ano.



3.º caso:

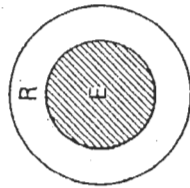
- a comunicação é mais ampla; entretanto, a inteligibilidade dos signos não é total: certos elementos da mensagem proveniente de E não serão compreendidos por R.

Exemplo: um curso de alto nível ministrado a alunos não preparados para recebê-lo.



4.º caso:

- a comunicação é perfeita; todos os signos emitidos por E são compreendidos por R (o inverso não é verdadeiro, mas estamos considerando o caso de uma comunicação unidirecional: ver mais abaixo).



Não basta, no entanto, que o código seja comum para que se realize uma comunicação perfeita; por exemplo, dois brasileiros não possuem necessariamente a mesma riqueza de vocabulário, nem o mesmo domínio da sintaxe (cf. 1.3).

Finalmente, deve ser observado que certos tipos de comunicação podem recorrer simultaneamente à utilização de vários canais de comunicação e de vários códigos (exemplo: o cinema).

f. O referente é constituído pelo contexto, pela situação e pelos objetos reais aos quais a mensagem remete.

(da mensagem)

Há dois tipos de referentes:

— o *referente situacional*, constituído pelos elementos da situação do emissor e do receptor e pelas circunstâncias de transmissão da mensagem.

Assim é que quando uma professora dá a seguinte ordem a seus alunos: “coloquem o lápis sobre a carteira”, sua mensagem remete a uma situação espacial, temporal e a objetos reais.

— o *referente textual*, constituído pelos elementos do contexto linguístico.

Assim, num romance, todos os referentes são textuais, pois o destinador (o romancista) não faz alusão — salvo raras exceções — à sua situação no momento da produção (da escrita) do romance, nem à do destinatário (seu futuro leitor). Os elementos de sua mensagem remetem a outros elementos do romance, definidos no seu próprio interior (por exemplo, em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, João Romão não remete a um verdadeiro comerciante chamado João Romão, trata-se de um personagem do romance; o cortiço de São Romão não remete a um cortiço verdadeiro; é um “objeto textual”).

Da mesma forma, comentando sobre nossas recentes férias na praia, num bate-papo com amigos, não remetemos, com a palavra “praia” ou com a palavra “areia”, as realidades presentes no momento da comunicação.

1.1.3. Problemas gerais da comunicação

a. Tipos de comunicação

A comunicação unilateral é estabelecida de um emissor para um receptor, sem reciprocidade. Por exemplo, um professor durante uma aula expositiva, um aparelho de televisão, um cartaz numa parede *difundem* mensagens sem receber resposta.

Já a comunicação bilateral se estabelece quando o emissor e o receptor alternam seus papéis. É o que acontece durante uma conversa, um bate-papo, em que há *intercâmbio* de mensagens.

Certos organismos, limitados, pela própria essência, à difusão (jornais, rádio, televisão, por exemplo), tentam às vezes estabelecer intercâmbio de mensagens com os destinatários, mas isto só lhes é possível por intermédio de um novo canal de comunicação: correio ou telefone (por exemplo, a rubrica “cartas dos leitores” nos jornais ou revistas, ou as perguntas feitas por telefone durante certos programas radiofônicos).

Cabe dizer, também, que a mensagem proveniente de um emissor pode ser recebida por diferentes receptores e, para cada um deles, tomar um sentido ou um valor diferente, de acordo com suas respectivas situações. Como exemplo, transcrevemos um trecho da cena VI, do ato III, da peça *O Noviço*, de Martins Pena. (Antecedentes da cena: Tendo fugido novamente do convento, o noviço Carlos dirige-se para seu quarto, na casa de sua tia Florência. Lá chegando, encontra a tia enferma, deitada na cama dele. Neste momento, chega o Padre-Mestre em busca do noviço fugido. Carlos esconde-se embaixo da cama de modo a ouvir o que Florência, a

prima Emília e o Padre-Mestre conversam, a fim de se colocar a par dos últimos acontecimentos.)

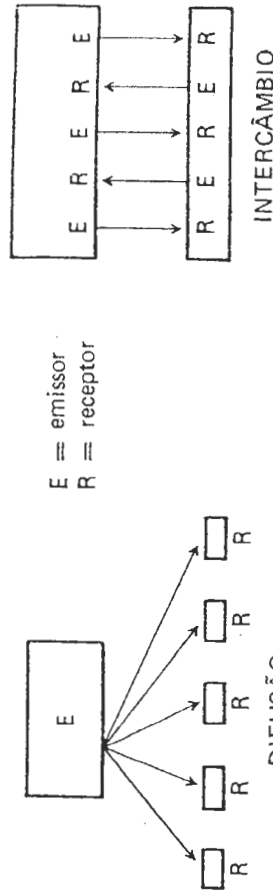


Fig. 3

O NOVIÇO

Entra Emília com o Padre-Mestre

EMÍLIA — Minha mãe, é o Sr. Padre-Mestre. (À parte) Ave de agouro!

FLORENCIA — Ah!

MESTRE — Desculpe-me, minha senhora.

FLORENCIA — O Padre-Mestre é que me há-de desculpar se assim o recebo. (Sentia-se na cama).

MESTRE — Oh, esteja a seu gosto. Já por lá sabe-se dos seus incómodos. Toda a cidade o sabe. Tribulações deste mundo.

FLORENCIA — O Padre-Mestre veio falar comigo por mandado do Sr. Abade?

(...)

MESTRE — Aqui venho pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.

FLORENCIA — Como assim?

MESTRE — Em procura do noviço Carlos. Ah, que rapazi!

FLORENCIA — Pois tornou a fugir?

MESTRE — Se tornou! É indomável! Foi metido no cárcere a pão e água.

EMÍLIA — Desgraçado!

MESTRE — Ah, a menina lastima-o? Já não me admira que ele faça o que faz.

FLORENCIA — O Padre-Mestre dizia...

MESTRE — Que estava no cárcere a pão e água, mas o endemoniado arrombou as grades, saltou na horta, vingou o muro da cerca que deita para a rua e pôs-se a panos.

FLORENCIA — E para onde foi?

MESTRE — Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigiu.

FLORENCIA — Posso afiançar a Vossa Reverendíssima que por cá não apareceu. (Carlos botou a cabeça para fora e puxa pelo vestido de Emília.)

EMÍLIA (assustando-se) — Ah!

FLORENCIA — O que é, menina?

MESTRE (levantando-se) — O que foi?

EMÍLIA (*vendo Carlos*) — Não foi nada, não, senhora... Um jeito que dei no pé.
 FLORÊNCIA — Tem cuidado. Assente-se, Reverendíssimo. Mas como lhe dizia, o meu sobrinho cá não apareceu; desde o dia que o Padre-Mestre o levou preso ainda o não vi.
 PENA, L. C. MARTINS. "O noviço." In: DAMASCENO, Darcy (ed. crítica), *Teatro de Martins Pena — Comédias*. Instituto Nacional do Livro, RJ, 1956. pp. 324-5.

Neste trecho, Florência e o Padre-Mestre trocam mensagens que são igualmente recebidas por Emília, por Carlos e pelo público, uma vez que a cena se desenrola no teatro. Nota-se que o sentido do sobresalto de Emília, causado pelo puxão na saia que Carlos lhe dá, é diferente para Florência e para o Padre-Mestre (que acreditam na versão que Emília lhes dá: um mau jeito no pé), para o espectador, (que vê nele uma mensagem tátil de Carlos dirigida a Emília) e para a própria Emília (que o interpreta como um aviso de que o primo Carlos ali se encontrava, mensagem à qual, no momento, ela não tem condições de responder).

É necessário, portanto, determinar o sentido de uma mensagem conforme o tipo de comunicação utilizada e segundo o alvo e a finalidade desta comunicação. Assim, na comédia de costumes, a tradicional confusão estabelecida em cena não é outra coisa senão uma exploração cômica dos fenômenos de interferências ou de telesempagos entre mensagens, emissores e receptores.

b. Ruído e redundância

Pelo termo *ruído*, designa-se tudo o que afeta, em graus diversos, a transmissão da mensagem: voz muito baixa ou encoberta pela música, falta de atenção do receptor, erros de codificação, etc. O termo *ruído* não se refere apenas a uma perturbação de ordem sonora, aplicando-se tanto à comunicação visual (uma mancha numa folha de papel ou numa tela, um erro datilográfico são "ruídos"), quanto aos outros tipos de comunicação. Um ruído, no sentido corrente do termo, pode também não ser uma perturbação, mas constituir em si mesmo uma mensagem (aplausos).

O ruído pode provir:

- do canal de comunicação ("parasitas" em geral);
- do emissor ou do receptor;
- da mensagem (insuficientemente clara) ou do código (mal adaptado à mensagem).

Para combater os riscos de perturbação na transmissão das mensagens faladas ou escritas, a língua tem mecanismos paliativos — as *redundâncias*. Considera-se como redundante todo elemento da mensagem que não traz nenhuma informação nova. Por exemplo, o texto de um telegrama é despojado de toda informação supérflua (exemplo: em "enviamos remessa imediatamente", acrescentar "nós" seria redundante, uma vez que a primeira pessoa do plural já está indicada na terminação *-amos* do verbo). A economia da mensagem exige a supressão das redundâncias. No entanto, uma mensagem sem redundância torna-se muito densa para ser recebida

e compreendida. Avalia-se em 50% a porcentagem média de redundância das línguas: vale dizer, numa mensagem, 50% das informações são inúteis, mas estas redundâncias compensam as perdas de informações causadas pelos ruídos (por exemplo, um emissor compensará a surdez parcial de seu interlocutor — o que constitui um "ruído" — levantando a voz — o que constitui uma redundância sonora).

A redundância se manifesta de diversas formas:

- sintáticas ("nós chegamos": redundância da marca de pessoa);
- gestuais (é redundante unir o gesto à palavra);
- tonais (uma entonação característica acompanhando uma frase exagerada, como: "ele está morto de fome!" é redundante); etc.

A redundância é necessária à clareza e à inteligibilidade das mensagens (cf. 1.3 e 1.4).

1.1.4. Exemplos

Exemplo 1: A comunicação telefônica

Ela se desenrola em duas etapas:

- na primeira etapa, o destinatador tira o fone do gancho e disca um número; fazendo isto, ele transmite uma mensagem codificada por impulsos a uma central telefônica que faz a triagem dos chamados; assim, os elementos da primeira parte desta comunicação definem-se do seguinte modo:

destinador: um indivíduo,

destinatário: central telefônica,

mensagem: número discado,

código: impulsos elétricos codificados,

referente: situação espacial do destinatador,

canal de comunicação: o fio que liga o fone à central.

Desde esta primeira etapa, numerosos "ruídos" podem, infelizmente, entrar a comunicação (interferências, "parasitas", linhas cruzadas ou cortadas).

A comunicação se estabelece quando o telefone toca.

- na segunda etapa, instaura-se a comunicação entre o destinatador e seu destinatário: quer unilateralmente (por exemplo, informações sobre o horário, gravadas, fornecidas automaticamente pelo telefone), quer bilateralmente.

A mensagem, o código e o(s) referente(s) são agora diferentes.

Exemplo 2: O telegrama

Da emissão ao recebimento de um telegrama, ocorre um certo número de operações, durante as quais o emissor, o receptor, o canal e o código variam.

1.ª operação: o emissor (autor do texto) entrega o telegrama a um receptor (empregado do Correio): o canal é visual, o código é a língua escrita.

- 2.ª operação: o texto escrito é traduzido para o código Morse: mudança de código.
- 3.ª operação: a mensagem é transmitida sob a forma de impulsos elétricos: mudança de canal e de receptor.
- 4.ª operação: a mensagem é novamente transposta para a forma escrita e enviada ao destinatário por um carteiro ou por telefone: mudança de código e de canal.
- N.B. — Hoje em dia, o Morse foi substituído pelo sistema Baudot, que por sua vez está sendo substituído por teletipos e pelo sistema de máquina paginadora.

1.1.5. Exercícios

- 1 Determinar os elementos constitutivos da comunicação entre um programador e um computador. Que ruídos podem intervir?
- 2 Quais são os diferentes canais de comunicação utilizados para a transmissão de mensagens publicitárias?
- 3 Determinar as características da comunicação cinematográfica (tipo de comunicação, elementos componentes).
- 4 Que tipos de comunicação podem entrar em jogo no processo pedagógico? Exemplifique.
- 5 Dê alguns exemplos de redundância durante uma conversa.

NOVIDADES PETROLÍFERAS

O ministro Shigeaki Ueki, afinal, fez o possível. Diante de jornalistas que passaram três horas tostando ao sol do aeroporto de Santa Maria, em Aracaju, na última quinta-feira, sem cadeiras que lhes fossem oferecidas, ele lembrou aos diretores da Petrobrás em Sergipe — cuja plataforma marítima é a maior produtora de petróleo no Brasil, com 3.600.000 barris anuais — que a imprensa deveria ser tratada “com carinho, senão vocês ficam reclamando da má imagem da empresa”. Depois de oferecer cafézinhos aos repórteres, Ueki passou a palavra ao diretor de Produção da Petrobrás, engenheiro Francisco de Paula Medeiros, que travou o seguinte diálogo com a imprensa:

R — Qual a finalidade de sua visita a Aracaju?
R — Que pergunta besta. Rotina.

- P — Que poderia informar sobre a implantação de unidades de amônia e uréia em Sergipe?
R — Não é da minha área.
- P — Quais as perspectivas de aumento da produção petrolífera no Estado?
R — Não sou computador.
- P — Qual o montante de investimentos que a Petrobrás aplicará este ano em Sergipe?
R — Não posso ter na cabeça.
- P — Qual a atual produção de Sergipe em terra e no mar?
R — Vocês não sabem isso? Vocês entendem de metros cúbicos?
- P — Foram localizadas novas jazidas de gás natural?
R — (silêncio).
- A entrevistista se encerrou com um grito de advertência do engenheiro Medeiros aos câmeras da Televisão Atalaia que pretendiam, não se sabe por quê, filmá-lo: “Não sou artista para aparecer em televisão”.
- Veja, 26/1/77, p. 12.*

Analise, neste texto, os problemas próprios da comunicação: o que aconteceu no transcurso desta entrevista? Que informação se obteve através dela? Tente deduzir quais os fatores que intervem para o sucesso ou o fracasso de um diálogo.

Os trechos a seguir foram extraídos de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. O narrador, Paulo Honório, alimenta um ciúme mórbido por sua mulher, Madalena.

Defronte do escritório descobri no chão uma folha de prosa, com certeza trazida pelo vento. Apanhei e corri a vista, sem interesse, pela bonita letra redonda de Madalena. Francamente, não entendi. Encontrei diversas palavras desconhecidas, outras conhecidas de vista, e a disposição delas, terrivelmente atrapalhada, muito me dificultava a compreensão. Talvez aquilo fosse bem feito, pois minha mulher sabia gramática por baixo da água e era fecunda em risos e entrelinhas, mas estavam riscados períodos certos, e em vão tentei justificar as emendas:

— Ocular com artifícios o que deve ser evidente!

Passando entre as laranjeiras, esqueci a poda, reli o papel e agadanei idéias indefinidas que se baralharam, mas que me trouxeram um arcepio. Diaboi! Aquilo era trecho de carta, e de carta a homem. Não estava lá o nome do destinatário, faltava o princípio, mas era carta a homem, sem dúvida.

Li a folha pela terceira vez, atordoado, detendo-me nas expressões claras e procurando adivinhar a significação dos termos obscuros.

.....
Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado. Abri-o. Era uma carta extensa em que se despedia de mim. Li-a, saltando pedaços e naturalmente compreendendo pela metade, porque topava a cada passo aqueles palavrões que a minha ignorância evita. Faltava uma página: exatamente a que eu trazia na carteira, entre fatu-
ras de cimento e orações contra maldições que a Rosa anos atrás me havia oferecido.

Livraria Martins Editora, SP, 1975. pp. 181-91.

Lançando mão dos esquemas de comunicação, analise o fenômeno descrito nesse texto.

CHAPEUZINHO VERMELHO

Chapeuzinho Vermelho chega à casa da vovozinha. O Lobo Mau lá se encontra, deitado na cama, à espera de Chapeuzinho, disfarçado com as roupas da Vovó, que acabara de devorar.

CHAPEUZINHO (*batendo à porta*) – Vovó! Vovó! Vovozinha!
 LOBO (*disfarçando a voz*) – Quem bate sem ordem minha?
 CHAPEUZINHO – Sou eu, vovó, Chapeuzinho.
 LOBO – Hm. Pode entrar, minha netinha.
 CHAPEUZINHO – Bom dia, vovó.
 LOBO – Bom dia! Chega aqui na minha frente.
 CHAPEUZINHO – A vovozinha hoje está com uma voz tão diferente!
 LOBO – Não é nada, minha filha, acordei um pouco rouca. À noite fez muito frio, e eu fui lá fora sem touca.
 CHAPEUZINHO – Vovozinha, vovozinha, você não vai se zangar, mas pra que são estes olhos tão grandes?
 LOBO – Pra te espiar.
 CHAPEUZINHO – E este nariz, tão comprido, tão feio?
 LOBO – Pra te cheirar.
 CHAPEUZINHO – E esta boca, vovozinha, tão grande?
 LOBO – Queres saber? Ah, ah, ah. Queres mesmo? Então é pra te comer.
 CHAPEUZINHO – Uai! Uai! Mamãe! Vovozinha! O lobo!

Chapeuzinho Vermelho, n.º 14-201-006-B, Gravações Elétricas S/A, 1960.

Estude os incidentes decorrentes da situação das personagens, do ponto de vista dos elementos da comunicação (destinatário, destinatador, código e referente).

1.2. TEORIA DA INFORMAÇÃO

1.2.1. A palavra

O termo *informação*, no seu sentido comum, designa um conjunto de indicações relativas a fatos, pessoas, etc. Em geral, é desta maneira que empregamos a palavra neste livro. Entretanto, a teoria da informação imprimiu a este termo um sentido bem mais restrito e bem mais rigoroso.

1.2.2. A teoria

Foi Shannon que exprimiu matematicamente a quantidade de informação transmitida por uma mensagem.

De fato, pode-se medir a quantidade de uma informação independentemente de seu sentido. Assim, tomar conhecimento pelo jornal de que Paris é a capital da França é uma informação nula para um francês; no entanto, se os jornais dissessem que a capital da França é Lyon ou Grenoble, a informação seria quantitativamente expressiva por ser absolutamente inesperada.

Em outras palavras, a medida da originalidade da mensagem é a seguinte: a *quantidade da informação é função de sua probabilidade*. Quanto mais imprevisível for a mensagem, maior será a informação.

Do ponto-de-vista prático, o receptor de uma mensagem identifica os signos da mensagem com os signos de seu código. Se os signos da mensagem forem facilmente identificáveis, se seu grau de probabilidade for grande, a identificação será fácil, rápida, e a informação, pequena.

Exemplo: "Paris é capital da França".

Dentro de um código mais geral, a expectativa é que o último termo (cujo grau de probabilidade é o maior) seja França. Neste caso, a identificação da mensagem é rápida, mas a informação é nula. Se o último termo da mensagem fosse "do universo", a informação seria maior, a mensagem mais original, mas a probabilidade de aparição de *o universo* não seria nula, tendo-se em vista a celebridade de Paris (celebridade codificada, é bem verdade). Enfim, se este último termo fosse o México, a informação seria muito grande e a mensagem... surpreendente, mas a probabilidade de sua aparição é quase nula!

Conseqüentemente, a mensagem mais econômica é a que veicula o maior número de informações com o menor número de signos (*exemplo:* o telegrama) e cujas transmissões comportam o máximo de originalidade. Esta economia se efetua em transmissões que utilizam o intercâmbio entre máquinas. O cálculo do custo da informação lança mão de logaritmos, e seu estudo fica por conta do leitor.

No entanto, nas comunicações interpessoais, uma mensagem muito "econômica" seria intrasmisível: o locutor teria muita dificuldade em identificar signos densos e inesperados. O objetivo da comunicação não está na economia, mas na boa recepção da mensagem.

1.2.3. Aplicações

A teoria da informação aplica-se a vários domínios:

- das telecomunicações (de um transmissor telegráfico a outro, por exemplo, as informações se reduzem ao mínimo);
- da informática (a partir de um certo número de "dados", um computador constrói uma decisão: a transmissão destes dados se opera a partir do sistema binário);
- da lingüística. Letras, sons, palavras, categorias gramaticais repetem-se na língua com uma frequência estável. São previsíveis. Existe uma estatística da linguagem, leis que regem a distribuição das palavras num texto, relações entre a frequência de emprego de uma palavra e seu comprimento, sua estrutura fônica ou seu sentido. Estas observações levaram a aplicações no domínio da legibilidade (cf. 2.3.2). Elas permitiram estabelecer os vocabulários mínimos constituídos por palavras mais frequentes, medir a quantidade de informações contidas em certos textos (político, publicitário, pedagógico, etc.).

Para finalizar, a medida de informação varia conforme o receptor e, portanto, entram em cena fatores culturais e psicológicos. Explicar que dois e dois são quatro é uma informação nula para um aluno de segunda série do primeiro grau, e muito grande para uma criança em início de escolarização. A novidade da informação é

relativa, variando conforme a idade, os conhecimentos, a experiência, o ambiente geográfico, etc.

1.2.4. Exercícios

- 1 Um texto é lido em voz alta, saltando-se uma palavra. Tente adivinhá-la, escrevendo-a no papel. Confronte-a com a palavra que efetivamente figura no texto. Estude a evolução da probabilidade de encontrar a palavra exata, ou, pelo menos, uma palavra bastante próxima (sinônima). Você pode também comparar as probabilidades com textos de natureza diferente.

Exemplos

- Tente adivinhar os verbos de um texto. Escolha, de preferência, uma narrativa:
 - um acontecimento policial num jornal;
 - uma narrativa simples, infantil (primeira página de um romance de literatura infantil de Monteiro Lobato);
 - uma narrativa "literária", mais rebuscada (primeira página de um conto de Machado de Assis ou Eça de Queirós).
 - Tente adivinhar os substantivos de um texto (narrativa, poema, texto teórico).
- Você pode proceder de dois modos:
- depois de ter anotado a palavra proposta, confrontar com a palavra do texto, ler a frase tal como no texto original e continuar;
 - anotar a palavra proposta, ler a frase com esta palavra, não confrontar com a palavra do texto original, e continuar. Procedendo deste modo é possível que se venha a obter um outro texto.

- Tente adivinhar a classe gramatical das palavras omitidas (substantivo, adjetivo, advérbio, artigo, preposição, etc.).
- Você pode, também, estudar as diferenças de probabilidade entre um texto em prosa e um texto em verso.

- 2 A partir de um tema de sua escolha (um incidente que se vai relatar, uma novidade que se vai transmitir), redija um telegrama de 20 palavras no máximo, esforçando-se para reduzir o custo da informação.

- 3 A partir de um noticiário policial, de um acontecimento político ou esportivo narrados por um jornal ou revista, redija um telegrama de 40 palavras, depois um outro de 25 palavras, depois um terceiro de 10 palavras.

- 4 Nas frases seguintes, foram deixados espaços em branco.
 - Preencha-os de acordo com as informações mais prováveis.
 - do ponto-de-vista gramatical (verbo, substantivo, adjetivo, advérbio);
 - do ponto-de-vista do sentido.

Vestiu uma calça e foi dançar.
 "Zé Maria esperava voltar tão rapidamente a ser
 da Seleção Brasileira." (*Journal da Tarde*)
 "O que aquela criança vendo num sujeito como eu, enorme,
 com dois metros, com vinte anos de janela, cabelos
 pintando de?" (*João Antônio*)

- 5 O exercício abaixo, comum nas gramáticas normativas, consiste em preencher lacunas a partir da escolha de uma palavra entre uma lista de palavras indicadas. Avalie a probabilidade de encontrar a resposta adequada.

A relação que se segue inclui palavras que encerram a idéia geral de ordem, imposição, comando ou apelo: preencha com elas as lacunas das frases abaixo:

(regimentos — estatutos — injunções — ultimato — prescrições — draconianas; — mandato — força — ditadura — tirania — dogmas).

1. A China enviou a Índia um para a retirada de suas tropas da zona fronteiriça. 2. As médicas devem ser cumpridas rigorosamente. 3. Por das circunstâncias, ele teve de abrir mão de certos privilégios. 4. É nos seus ou que instituições ou associações estabelecem normas gerais de seu funcionamento. 5. Muitos parlamentares tiveram seu cassado por de ordem política. 6. Questões fundamentais e indiscutíveis de uma doutrina religiosa ou sistema filosófico chama-se 7. A é uma forma de governo autoritário e discricionário, ao passo que a é, além disso, opressora, cruel e violenta. 8. Dizem-se as leis excessivamente severas.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1976, pp. 438-9.

- 6 Avalie as informações fornecidas nos textos abaixo. Elas são numerosas? São previsíveis ou imprevisíveis e em quê? Estes textos são fácil ou dificilmente decifráveis?

Destaque os exemplos de redundâncias que facilitam a leitura.

4.

A REAÇÃO DAS FERRARI

A Ferrari voava, varando o calor de Interlagos a 300 quilômetros por hora. E o argentino Carlos Reutemann, piloto da Cinzano, não fazia mais do que controlá-la, levando-a pelos melhores caminhos, orientando-a nas curvas mais difíceis, acelerando, a cada volta, a conquista do Grande Prêmio Brasil de Fórmula-1, uma corrida de emoções raras e diferentes. Raras, pela sucessão de acidentes, graças a Deus nenhum fatal. Diferentes,

porque venceram os mais resistentes e não os mais velozes: Reutemann e a sua Ferrari vermelha; Hunt e a Marlboro-Mclaren alaranjada; Lauda com outra Ferrari e Emerson Fittipaldi com o seu Copersucar, camisa 28 da seleção.

Manchete, 5/2/77, p. 142.

b.

MUSICAL STEREO CENTER. 3 EM 1 DA CCE. SOM INTEGRADO

Criar uma verdadeira central de som estereofônico de grande potência num conjunto 3 em 1 de pequenas dimensões, requer muita tecnologia. A CCE aceitou o desafio e criou o Musical Stereo Center.

O Musical Stereo Center integra harmoniosamente um amplificador de 60 WATTS de potência, controles de graves, agudos e sonoridade (loudness).

O sintonizador AM-FM, FM stereo, um toca-discos automático-BSR com 3 velocidades e um deck cassette stereo com 2 entradas para microfones, slide pot para controle de nível de gravação, chave para fita comum e óxido de cromo. As caixas acústicas CCE-Collar correspondem perfeitamente ao desempenho e à beleza do conjunto.

Desenvolvido com circuito complementar perfeito, o Musical Stereo Center da CCE reproduz som estereofônico de qualquer fonte, sem distorção, com a mais perfeita fidelidade.

O selector de programas pelo sistema push-button torna o manuseio simples e prático.

Vá ver e ouvir a nova central de som estereofônico, o Musical Stereo Center, e conheça o som integrado.

Nas boas lojas de som e magazines de todo o Brasil.

c.

PORTO SAÍDO

Barracões de zinco das docas retas no sol pregaram-me como um rótulo no bulício de carregadores e curiosos pois o Marta largaria só noite tropical!

A tarde mergulhava de altura na palidez canalizada por trampolins de colinas e um forte velho. E brutos carregavam o navio sob sacos em fila.

Marinheiros dos porões fecharam os mastros guindastes e calmos oficiais lembrando ombros retardatário.

A barriça tesa da escada exteriorizou os lentos visitantes para ficar suspensa ao longo dos maujos louros.

Grupos apinharam o cais parado.

ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*.

Editora Civilização Brasileira, Livraria José Olympio Editora - Editora Três, co-edição, 1973.

7

INFORMAÇÃO E REDUNDÂNCIA NA MÚSICA POPULAR

Condição fundamentalmente pelos veículos de massa, que a coagem a respeitar o "código" de convenções do ouvinte, a música popular não apresenta, senão em grau atenuado, e contraditório entre informação e redundância, produção e consumo. Desse modo, ela se encaminha para o que Umberto Eco denomina de música "gastronômica": um produto industrial que não persegue nenhum objetivo artístico, mas, ao contrário, tende a satisfazer as exigências do mercado, e que tem, como característica principal, não acrescentar nada de novo, redizendo sempre aquilo que o auditério já sabe e espera ansiosamente ver repetido. Em suma: o servilismo ao "código" apriorístico — assegurar a comunicação imediata com o público — é o critério básico de sua confecção. "A mesma praça. O mesmo banco. As mesmas flores, o mesmo jardim." O mesmo. Todo mundo fica satisfeito. O público. A TV. Os anunciantes. As casas de disco. A crítica. E, obviamente, o autor. Alguns ganham com isso (financeiramente falando). Só o ouvinte-

-receptor não "ganha" nada. Seu repertório de informações permanece, mesmíssima-mente, o mesmo.

Mas nem tudo é redundância na música popular. É possível discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandarização e o consumismo. Assim foi com o Jazz Moderno e a Bossa Nova.

.....
 Pode-se dizer, pois, que há uma certa simetria entre os movimentos de vanguarda que, no âmbito da música erudita, trabalham preferencial ou exclusivamente, com a informatividade e os movimentos como o *bebop* e a *bossa nova*, que, dentro da área de alta redundância da música popular, procuram transcender a banalidade, romper os limites ingênuos do mero entretenimento e perturbar o código morigerado de convenções desse tipo de música.

CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa e outras bossas*. São Paulo, Editora Perspectiva, Col. Debates, 1974. pp. 183-4.

Segundo Augusto de Campos, que distinção se pode estabelecer entre música popular convencional e movimentos musicais vanguardistas, como a *bossa-nova*, em termos de teoria da informação? Que papel exerce a redundância no condicionamento musical do ouvinte receptor? Tente encontrar, na música popular brasileira, exemplos ilustrativos de redundância e de informação.

1.3. LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO: PROBLEMAS GERAIS

1.3.1. Algumas definições

Linguagem:

A linguagem, segundo definição de Émile Benveniste, é um sistema de signos socializado. "Socializado" remete claramente à função de comunicação da linguagem.

A expressão "sistema de signos" é empregada para definir a linguagem como um conjunto cujos elementos se determinam em suas inter-relações, ou seja, um conjunto no qual nada significa por si, mas tudo significa em função dos outros elementos. Em outras palavras, o sentido de um termo, bem como o de um enunciado, é função do contexto em que ele ocorre.

Línguas/linguagem

As línguas são casos particulares de um fenômeno geral, a linguagem, que é estudada pela lingüística geral. Ainda que não exista a linguagem verbal universal, a lingüística geral esforça-se no sentido de isolar e estudar as características comuns constitutivas das diferentes línguas (por exemplo, a estruturação fonica, a economia da língua, etc.).

Signo

Significante, significado, referente. A noção de signo é básica na lingüística. Signo é a menor unidade dotada de sentido num código dado. Decompõe-se num elemento material, perceptível, o *significante*, e num elemento conceptual, não perceptível, o *significado* (por exemplo, a palavra *mesa* pode ser ouvida ou vista, conforme seja pronunciada ou escrita: o som "mesa" e a forma gráfica "mesa" são significantes

que remetem ao mesmo significado, o conceito de mesa, "objeto constituído por uma superfície plana sustentada por um ou mais pés". O *referente* é o objeto real ao qual remete o signo numa instância de enunciação: *Esta mesa de jantar, esta mesa de jogo*.

Assim, no caso do signo *mesa*, diversos significantes (um som, ou melhor, uma combinação de sons ou uma combinação gráfica, etc.) correspondem a um significado (o conceito de mesa) que, por sua vez, designa uma classe de referentes (mesa de um só pé, mesa redonda, mesa baixa, etc.). Em outros casos, um mesmo significante pode remeter a vários significados (por exemplo, o significante *folha* remete aos significados "folha de árvore" e "folha de papel"); é o contexto que elimina a ambigüidade.

O signo é convencional. Entre o significante e o significado não há outro liame senão o proveniente de um acordo implícito ou explícito entre os usuários de uma mesma língua. A maior parte dos signos lingüísticos é arbitrária (não há qualquer relação entre a representação gráfica "mesa" e o objeto designado); alguns são relativamente motivados (as onomatopéias: cocorocó "imita" o canto do galo em português). A significação é o liame que une o significante, o significado e o referente, isto é, o elemento material aos elementos conceptuais e reais.

Código/linguagem

Um código é um conjunto de regras que permite a construção e a compreensão de mensagens. É, portanto, um sistema de signos. A linguagem é, por conseguinte, um dentre outros códigos (código marítimo, código rodoviário). É a linguagem verbal é o único deles:

- que pode falar dos próprios signos que o constituem ou de outros signos;
- que faz "jogos" com seus signos e a significação deles (ficções, metáforas). É nisto que se pensa quando se fala em "flexibilidade" da linguagem verbal.

Denotação/conotação

Estas noções dizem respeito ao sentido das palavras da língua. Denotação é a simples designação do objeto ao qual remete o significante. Conotação designa tudo que um termo possa evocar, sugerir, clara ou vagamente. O sentido denotado de um termo é, em linhas gerais, aquele dado nos dicionários. O sentido conotado varia de pessoa para pessoa, de época para época, etc.

Assim, o adjetivo "capitalista" designa (sentido denotado) um sistema econômico e social específico; adquire, porém, conotações pejorativas ao ser empregado por pessoas que se opõem a tal tipo de regime.

1.3.2. Os níveis da linguagem

Como foi mencionado anteriormente, para que se efetue a comunicação é necessário haver um código comum. Diz-se, em termos mais gerais, que é preciso "falar a mesma língua": o português, por exemplo, que é a língua que utilizamos. Mas trata-

-se de uma língua portuguesa ou de várias línguas portuguesas? O português da Bahia é o mesmo português do Rio Grande do Sul? Não está cada um deles sujeito a influências diferentes — lingüísticas, climáticas, ambientais? O português de um médico é igual ao de seu cliente? O ambiente social e o cultural não determinam a língua? Estas questões levam à constatação de que existem *níveis de linguagem*. O vocabulário, a sintaxe e mesmo a pronúncia variam segundo esses níveis.

Começaremos por distinguir a língua escrita da língua falada (ver em 1.4 a justificativa e as conseqüências dessa distinção). Admitem os lingüistas que no interior da língua falada existe uma *língua comum*, conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais, língua tida geralmente como simples, mas correta. A partir desse nível tem-se, em ordem crescente do ponto de vista da elaboração, a *língua cuidada* (ou *tenax*) e a *língua oratória*. E no sentido contrário, da informalidade, tem-se a *língua familiar* e a *língua informal* ou "popular".

	língua falada	língua escrita
linguagem oratória	discursos, sermões	língua literária, cartas e documentos oficiais
linguagem cuidada	curios, comunicações orais	comunicações escritas comuns
linguagem comum	conversaço, rádio, televisão	linguagem descuidada, incorreta, linguagem literária que procura imitar a língua falada
linguagem familiar	conversaço informal, não "elaborada"	

Essas distinções são um pouco fluidas, uma vez que se estabelecem segundo critérios heterogêneos. A distinção linguagem popular/linguagem cuidada, por exemplo, apóia-se num critério sócio-cultural, ao passo que a distinção linguagem informal/linguagem oratória se apóia sobretudo numa diferença de situação (o mesmo indivíduo não empregará a mesma linguagem ao fazer um discurso e ao conversar com os amigos num bar).

Ademais, na expressão oral, as incorreções gramaticais são geralmente função de restrições materiais: dificilmente poderá um comentarista esportivo manter uma linguagem cuidada ao descrever e comentar uma partida ao vivo.

De modo geral, a linguagem cuidada emprega um vocabulário mais preciso, mais raro, e uma sintaxe mais elaborada que a da linguagem comum. A linguagem oratória cultiva os efeitos sintáticos, rítmicos e sonoros, e utiliza imagens.

As linguagens familiar e popular recorrem às expressões pitorescas, à gíria, e muitas de suas construções são tidas como "incorreções graves" nos níveis de maior formalidade.

A língua escrita é, geralmente, mais elaborada que a língua falada (veremos com efeito que se trata de uma outra língua). Aí os níveis são menos numerosos e diretamente relacionados com o condicionamento sócio-cultural.

Os vocabulários próprios de determinadas regiões, determinadas profissões, ciências ou técnicas levam ainda à definição de outros níveis, segundo critérios diferentes. Vê-se, então, que a noção não é muito precisa. O essencial é ter-se consciência desses níveis de linguagem na medida em que determinam o bom funcionamento da comunicação. Tentar adaptar a própria linguagem à do interlocutor já é efetuar um ato de comunicação. É difícil imaginar como um professor daria suas aulas, se não empregasse uma linguagem acessível às crianças; entretanto, a preocupação de levar os alunos à utilização da linguagem comum obriga o mestre a recorrer a uma linguagem um pouco mais trabalhada que a de seus ouvintes, tanto no vocabulário quanto na sintaxe. A comunicação envolve, neste caso, uma reelaboração.

Esse trabalho do professor supõe a existência de uma norma linguística, ou seja, de um modo "certo" de falar (e/ou escrever) que rejeitaria as incorreções, as impurezas, as vulgaridades, os erros de pronúncia, etc. Haveria uma linguagem boa e uma linguagem ruim. O nível "comum" e, sobretudo, o nível "cuidado" da língua seriam privilegiados, em detrimento do nível familiar. Ora, o nível familiar é:

- por um lado, menos incorreto do que parece;
- por outro, mais vivo do que o nível cuidado.

Menos incorreto do que parece: existe uma "gramática dos erros"; as pessoas não cometem erros de linguagem anarquicamente; sem o saber, procedem a analogias com a linguagem dita correta (por exemplo, para uma criança o particípio do verbo *fazer* será *fazido*, por analogia com o paradigma de *bebido, comido, vendido*, etc.). *Mais vivo que o nível cuidado:* a linguagem correta, aquela recomendada pela *Academia Brasileira de Letras* e pelas gramáticas normativas adotadas nas escolas, é estática; as ousadias, as inovações, as criações (sejam elas enriquecedoras ou simplificadoras: que não se esqueça a lei do menor esforço!) vêm da linguagem popular e da linguagem literária; em outras palavras, a evolução da língua é feita pelo povo e pelos poetas (ver em 2.3.5, texto de *B. Cendrars*). Quer-se dizer, então, que é preciso deixar a língua seguir seu próprio caminho? Que não se deve intervir nos erros que se cometem? Não; se se quer preservar a função principal da linguagem, a comunicação, a resposta será não. Não se deve esquecer que a multiplicação de línguas em nada favorece o entendimento, a compreensão entre os indivíduos e entre os povos. Sabe-se, também, que as gírias e os jargões são, na origem, códigos que servem para a comunicação entre membros de grupos fechados. Toma-se, então, por norma aquela parte da língua que permite a expressão clara e precisa, favorecendo a comunicação. É aqui, então, que se coloca a importância da situação em que se desenvolve o discurso (personalidade dos interlocutores, tipo de relacionamento que existe entre eles, situação ambiental, social e circunstancial): a norma linguística va-

ria de acordo com a situação (o emprego de uma linguagem oratória numa conversação informal será considerado "precioso" ou pedante; o emprego de uma linguagem familiar numa situação de formalidade será considerado grosseiro). Nesse plano bastante prático, que é o da comunicação, pode-se dizer que o nível da linguagem deve se adaptar à situação, a qual se definirá por seus traços distintivos. Isto implica em:

- uma avaliação precisa da situação e dos elementos linguísticos correspondentes;
- aquisição e aprendizagem de tais elementos.

1.3.3. O léxico

O léxico é o conjunto de palavras de uma língua. Emprega-se também esse termo para designar o conjunto de palavras de uma língua peculiar a um grupo social ou a um indivíduo (fala-se do léxico da construção civil, do léxico de Drummond de Andrade, etc.). O léxico da língua portuguesa constitui, então, um conjunto onde se incluem os léxicos particulares.

O léxico de uma língua é teoricamente ilimitado: no *Novo Dicionário Aurélio* (1975) estão arrolados, aproximadamente, 120.000 verbetes independentes e 30.000 locuções. Na prática, o indivíduo conhece somente uma pequena parte desse vasto conjunto, e, ao falar ou escrever, emprega apenas uma fração do que conhece.

De que modo o indivíduo adquire as palavras que compõem seu léxico? De que modo pode ele aumentar o número de tais palavras? Que relações existem entre o léxico de uma língua e o léxico de um indivíduo? São estas as principais questões que a *lexicologia*, o estudo científico do léxico, procura responder. Os progressos obtidos, nos últimos anos, pela *estatística linguística* permitem uma colocação bastante precisa desses problemas, que continuam em estudo.

O estudo do sentido das palavras é feito pela *semântica*. Os semanticistas distinguem diversos aspectos do sentido de uma palavra; por exemplo, o aspecto *cognitivo* (baseado no conhecimento objetivo) e o aspecto *afetivo* (baseado na experiência e nos sentimentos pessoais), a *denotação* e a *conotação* (ver 1.3.2), etc. Todos reconhecem a dificuldade de definir e comunicar o sentido de uma palavra, pois esse sentido depende freqüentemente de fatores pessoais e sua transmissão necessita de outras palavras (sinônimos ou definições) que, por sua vez, têm sentidos diferentes de pessoa para pessoa.

A comunicação pressupõe que os indivíduos têm um repertório de palavras em comum e compreendem tais palavras do mesmo modo. Entretanto, se a rigor é possível chegar a um entendimento sobre as palavras concretas, não se dá o mesmo em relação às palavras abstratas, de significado mais frouxo e mais disperso. A compreensão só pode ocorrer na medida em que uma palavra apresenta para vários indivíduos um certo grau de uniformidade, fixado pelo uso da língua. Em outras palavras, não existe um sentido comum genuíno, mas sim uma espécie de acordo implícito sobre o uso e a aplicação das palavras. Além disso, certos comportamen-

tos não-verbais podem transformar o sentido de uma palavra: expressão fisionômica, gestos, tom de voz, etc.

Definir uma palavra consiste em fazer esse acordo e é a isto que se aplicam os dicionários (ver 2.3.5).

As dificuldades representadas pelos homônimos e pelos sinônimos são superadas pela distinção cuidadosa dos usos particulares dos primeiros em contextos diferentes e das convergências e divergências de sentido dos segundos.

1.3.4. Campos semânticos e campos lexicais

Estas duas noções permitem que se estude o vocabulário de um autor ou de um gênero determinado.

Campo semântico é o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado. Após determinar a época de uso da palavra, faz-se o levantamento de todos os exemplos, tomando-se o cuidado de não separar a palavra do seu contexto, e estuda-se o material assim obtido. Os enunciados sob análise podem ser mais ou menos longos. Estudar-se-á, assim, o campo semântico da palavra *revolução* num artigo jornalístico ou na obra completa de Marx. Seja qual for o caso, procurar-se-á definir os empregos da palavra e fazer o levantamento dos termos aos quais esta se associa ou se opõe. Deduzir-se-á, então, o sentido da palavra no enunciado. Este tipo de pesquisa é essencialmente fértil no domínio estético, pois os autores geralmente dão às palavras sentidos singulares, desconhecidos, desconcertantes, realmente novos (por exemplo, em *Januária* e em *Carolina*, de Chico Buarque, *estar à janela* tem o sentido de “fugir às emoções da vida”). Trata-se aqui de determinar a significação particular da palavra, levando-se em conta seus empregos, seu sentido denotativo e suas conotações no enunciado.

Campo lexical é o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa. A partir de um texto ou de um conjunto de textos, faz-se o levantamento de todas as palavras ligadas a uma noção, estudando-se depois o material obtido. Pelo reagrupamento das palavras (opostas, sinônimas, associadas, etc.), obtém-se uma definição bastante precisa da noção dentro do texto considerado. Como exemplo desse tipo de estudo, pode-se mencionar o trabalho de Carlos R. Lessa, *Vocabulário de Caça*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1944). Poder-se-ia, do mesmo modo, estudar o campo lexical da amizade ou do amor na obra de um determinado autor. Ou, num procedimento inverso, determinar num texto os campos lexicais dominantes, estudar suas inter-relações, verificar se um dado termo pertence a vários campos (neste caso o estudo dos campos lexicais confunde-se com o do campo semântico).

Exemplo

Rescendia por toda a catedral um aroma agreste de pitangueira e trevo cheiroso. Pela porta da sacristia lobrigavam-se de relance padrecas apressadas, que iam e vinham na carreira, vestindo as suas sobrepelizes dos dias de cerimônia. Havia na multidão um rumor impaciente de platéia de teatro. O sacristão, cuidando dos pertences da missa, andava de um para o outro lado, ativo como um contra-regra quando o pano de boca vai subir.

Afinal, à deixa fãhosa de um padre muito magro que aos pés do altar desafiava uns salmos de ocasião, a orquestra tocou a sinfonia e começou o espetáculo. Correu logo o surdo rumor dos corpos que se ajoelhavam; todas as vistas convergiram para a porta da sacristia; fez-se um susurro de curiosidade, em que se destacavam ligeiras tosses e espirros, e o cônego Diogo apareceu, como se entrasse em cena, radiante, altivo, senhor do seu papel e acompanhado de acólito que dava voltas frenéticas a um turbúlo de metal branco.

E o velho artista, entre uma nuvem de incenso, que nem um deus de mágica, e coberto de galões e lanjeoulas, como um rei de feira, lançou, do alto da sua solenidade, um olhar curioso e rápido sobre o público, irradiando-lhe na cara esse vitorioso sorriso dos grandes atores nunca traídos pelo sucesso.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Ed. Tecnoprint, “Ed. de Ouro”. p. 284.

Nesta passagem diversos campos lexicais aparecem inter-relacionados. Três deles poderiam ser ditos principais:

- o da liturgia: *catedral, sacristia, sobrepelizes, cerimônia, sacristão, missa, padre, altar, salmos, cônego, acólito, turbúlo, incenso;*
- o do espetáculo, que pode ser subdividido em:
 - teatral: *platéia, teatro, pano de boca, deixa, orquestra, sinfonia, espetáculo, entrar em cena, papel, artista, público, atores, sucesso;*
 - circense: *deus de mágica, galões e lanjeoulas, rei de feira, nuvem de incenso;*
 - o das palavras de carga pejorativa: *padrecas, fãhosa, desafiava, frenéticas, cara, velho* (artista).

Estes campos lexicais interpenetram-se e completam-se na descrição. Assim, a palavra *cerimônia* pode ser incluída no campo lexical da liturgia, mas as comparações do autor fazem dela um sinônimo de *espetáculo*, adiante especificado como espetáculo barato.

A associação desses campos lexicais faz daquela cerimônia religiosa o equivalente de um espetáculo de má-qualidade. O campo lexical da igreja é espelhado, via comparação e metáfora, no campo lexical do espetáculo. O *sacristão* é um *contra-regra*, os fiéis são uma *platéia impaciente*. No último parágrafo, o espetáculo se caracteriza como circense: os paramentos são *galões e lanjeoulas*; o *cônego*, *um rei de feira*. Através do texto todo, os elementos do conjunto de carga pejorativa fazem a ligação mais concreta entre as idéias de cerimônia — espetáculo — espetáculo barato.

1.3.5. Exercícios

1

A “linguagem” das abelhas é um código comparável à linguagem humana? Consulte E. Benveniste, “Comunicação Animal e Linguagem Humana”. In: *Problemas de linguística geral*. São Paulo, Ed. Nacional — Ed. da USP, 1976.

- 2 No texto de Aluísio Azevedo transcrito acima, estabeleça sentidos denotados e conotados para as seguintes palavras:

artista, lantejoulas, desafiava.

- 3 Que conotações você associa aos termos abaixo? Procure determinar a origem dessas associações.

pinheiro, sabiá, padre, rei, ideal, americano, tuberculose, ouro, juiz, férias.

- 4 O exercício anterior pode ser feito em grupo da seguinte maneira: Alguém anuncia a palavra e os participantes escrevem numa folha de papel três ou mais adjetivos ou substantivos que lhes são evocados pela palavra; em seguida, faz-se a contagem das respostas e a apreciação e discussão dos resultados (quais as conotações dominantes? por quê?).

- 5 Determine os níveis de linguagem nos textos que se seguem. Justifique sua resposta a partir da análise da sintaxe e do vocabulário da passagem em questão.

a. Havia frei Ambrósio, encarregado da disciplina. Lá está ele no canto direito do retrato, ocupando espaço de três ou quatro com seu corpo mais de montanha do que de gente. Frei Ambrósio de inesquecível memória. Estranhos processos de catequese gostava de usar o infeliz. Aos ensinamentos de Cristo, com que procurava trazer as ovelhas rebeldes ao caminho da moderação e vida limpa, se comprazia em agregar cascudos doloridíssimos, capazes de matar de inveja o próprio Torquemada, tão tecnicamente os aplicava.

LAGO, Mário. *Na rolança do tempo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. p. 92.

b. Não ia nunca saber o nome daquele cachorro, carecia nomeá-lo. Se o tratasse com jeito, muito carinho, se o nome fosse bom, o nome pegava. Nome bom a gente sabe é depois. Mas não queria um desses nomes comuns de cachorro da roça, que todo cachorro se chama. Queria um nome novo, bem novo, inventado agora, que fosse só dele. Todo mundo assim se lembraria. Ia dormir com um nome, só nome com que a gente dorme é que pega.

DOURADO, Autran. *Uma vida em segredo*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1975. p. 147.

c. Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instru-

ção, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança besial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.

ASSIS, Machado de. "O espelho". In: —. *Contos*. São Paulo, Melhoramentos, 1963. p. 97.

- 6 Faça apreciações sobre os níveis de linguagem dos textos citados em 1.4.8 (9, 10 e 11a).

- 7 Nos textos que se seguem, determine os principais campos lexicais e examine suas inter-relações.

TEMPO AO SOL

a.

Sentados à soleira tomam sol velhos negociantes sem fregueses. É um sol para eles: miúgado, sem pressa de queimar. O sol dos velhos.

Não entra mais ninguém na loja escura ou se entra não compra. É tudo caro ou as mercadorias se esqueceram de mostrar-se. Os velhos negociantes já não querem vendê-las? Uma aranha começa a tecelar sobre o relógio de parede. E o sagrado pô nas prateleiras.

O sol vem visitá-los. De chapéu na cabeça o recebem. Se surdisse um comprador incostumeiro, que maçada. Ter de levantar, pegar o metro, a tesoura, mostrar a peça de morim, responder, informar, gabar o pano.

Sentados à soleira, estátuas simples, de chinélos e barba por fazer, a alva cabeça movem lentamente se passa um conhecido. Que não pare a conversar coisas do tempo. O tempo é uma cadeira ao sol, e nada mais.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Mentho antigo*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974. p. 65.

b. Publicidade

MUITOS ÔNIBUS E CAMINHÕES ESTÃO ANDANDO POR AÍ COM UM PARAFUSO A MENOS

Quando alguém tira um parafuso da bomba injetora de um Diesel, ele vira um perigo. Você já deve ter visto muitos deles por aí. Andam por toda parte soltando fumaça preta, e podem ser encontrados facilmente nos postos abastecendo novamente o tanque.

Uma bomba injetora desregulada, além de provocar desgaste no motor, aumenta o consumo de combustível em até 30%. Fabricando a maioria das bombas injetoras para ônibus e caminhões do país, a Bosch sabe direitinho como elas devem funcionar. Nos Postos de Serviços da Bosch, você encontra equipamentos adequados, um amplo estoque de peças, garantias de conserto e mecânicos que têm a cabeça no lugar para regular o seu Diesel. Eles são treinados pela fábrica e estão sempre atualizados com as especificações fornecidas pela Bosch.

A fumaceira que muitos veículos estão fazendo com a bomba injetora desregulada vai acabar. Além de irritar os olhos, ouvidos, nariz e garganta de muita gente, isto também está irritando as autoridades. Elas vão fazer tudo para tirar a fumaça das estradas. Avise seus colegas disto e recomende os Postos de Serviços da Bosch. Eles estão aí para ninguém andar com um paraífo a menos.

c.

**EXCERTO DE DISCURSO PROFERIDO POR GETÚLIO VARGAS
EM BELO HORIZONTE, NO BANQUETE OFERECIDO PELO GOVERNO
DO ESTADO EM 23 DE FEVEREIRO DE 1931.**

Era meu desejo, logo que assumi o Governo da República, visitar os Estados de Minas Gerais e Paraíba, expressões simbólicas, no Centro e Norte do país, das nossas reivindicações liberais. Circunstâncias estranhas à minha vontade, ampliadas no correr dos dias, com as necessidades imperiosas da alta administração, retardaram a realização desse desejo, que, além de um dever cívico, seria motivo de íntima satisfação. Venho, agora, realizar a primeira dessas aspirações.

Queria expressar-vos pessoalmente o meu profundo reconhecimento pela espontaneidade e entusiasmo com que o povo mineiro aceitou a minha candidatura, sugerida pela palavra, nesse tempo precursora, de Antônio Carlos, o primeiro que, numa clarividente certeza, vislumbrou, na curva longínqua do horizonte, a borrasca revolucionária. Precisava manifestar-vos, de viva voz, a minha admiração pelo ardor cívico, pela energia, pela constância e dignidade com que, escudados e fortalecidos nas vossas tradições de liberalismo, sustentastes, com dano, a campanha da sucessão presidencial.

Recordo, senhores, com respeito, a firmeza de Minas nessa luta sem tréguas contra o poder pessoal do homem que, na chefia da Nação, se desmandou no emprego de todos os processos de violência, extremados entre a corrupção e a força, para abater o adversário ativo, fechando-lhe, finalmente, numa última afronta, o recurso derradeiro das urnas livres. Era meu dever, por isso, trazer o testemunho pessoal do meu aplauso à bravura e ao desassombro dos heróicos filhos desta terra lendária, que, vilipendiados nos seus direitos, espoliados na escolha dos mandatários da sua soberania, se ergueram em armas, para lutar contra o Governo, que se pusera fora da lei e tentava, por todos os meios, o desprestígio da própria nacionalidade.

Fora da lei os opressores, mas, ao alcance das armas os oprimidos, lanças mão do único recurso que vos restava para evitar a ruína da Pátria. Ainda não surgiu o historiador que descreverá com verdade a epopéia da vossa bravura e a audácia do vosso gesto, atraindo-vos à pugna, com nobre desinteresse, dispostos aos maiores sacrifícios.

Para que o povo mineiro, pacífico por índole, que durante quase um século viveu entregue ao seu labor fecundo, isento de convulsões, sendo, por várias vezes, o asilo respeitado onde se refugiavam os perseguidos políticos de qualquer credo e que dentro dos seus limites não sentira jamais os efeitos de um estado de sítio, para que esse povo se levantasse em armas, vibrante de ardor cívico, tendo à sua frente a figura prestigiosa e veneranda de seu grande presidente Olegário Maciel, era preciso que estivessem esgotadas, como de fato o foram, todas as reservas da sua proverbial serenidade e que um alto sentimento, misto de dignidade ofendida e exaltação patriótica, o dominasse, arremessando-o ao fragor das lutas armadas.

VARGAS, Getúlio. *A nova política do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1938. pp. 93-4.

8

Estude o campo semântico da palavra *sol* no texto 7a.

9

Estude o campo semântico de *povo mineiro* no texto 7c.

1.4. LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA FALADA

1.4.0.

A língua portuguesa comporta duas modalidades: o *português escrito* e o *português falado*. Num mesmo nível, as duas não têm as mesmas formas, nem a mesma gramática, nem os mesmos "recursos expressivos". Para a compreensão dos problemas da expressão e da comunicação verbais, é fundamental pôr em evidência esta distinção.

1.4.1. Fonemas e letras

Na língua falada, o significante é formado por *fonemas**. Na língua escrita, por *signos gráficos* ou *grafemas* (no caso do português escrito, as *letras* do alfabeto).

Não há correspondência estrita entre o número de *fonemas* e o número de *grafemas* de uma mesma palavra. Assim é que a palavra *choque*, por exemplo, se compõe de 6 grafemas na língua escrita, ao passo que na língua falada se compõe de 4 fonemas. Os grafemas *ch* e *qu* representam, cada par, um fonema que em outras palavras pode ser representado por um único grafema (por exemplo, *xícara* e *casa*).

Um rápido exame das *Instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (transcritas no *Novo Dicionário Aurélio*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. pp. VIII-XIII) é suficiente para que se observem alguns exemplos das relações não unívocas entre fonemas e grafemas. Dentre eles pode-se citar:

- o uso da letra *h* em princípio de palavras por razões etimológicas;
- as letras dobradas *rr* e *ss* para representar, no meio de palavras, o mesmo som que no início de palavras é representado por uma letra apenas;
- os casos de letras que representam mais de um som (por exemplo, exame, enxame, oxítora, gato, *gia*, etc.);
- os casos em que mais de uma letra representam o mesmo som (por exemplo, *censo*, *senso*; analisar, canalizar, examinar, etc.).

* Segundo definição de Mattoso Câmara Jr., no *Dicionário de Filologia e Gramática* (2.ª ed.; São Paulo, J. Ozon Ed., 1964, p. 148), *fonema* é o "conjunto de articulações dos órgãos fonadores, cujo efeito acústico estrutura as formas lingüísticas e constitui numa enunciação o mínimo segmento distinto". (N. T.)

1.4.2. Gramática

As duas línguas, escrita e falada, não marcam, do mesmo modo, certos traços gramaticais. A gramática do português falado apresenta características específicas identificáveis através de estudos estatísticos. Com efeito, o exame de gravações de língua oral permite constatar que a frequência de emprego de certas formas ou construções gramaticais é bem maior na língua falada do que na escrita. Por exemplo:

- a língua falada recorre mais às onomatopéias, às exclamações;
- na língua falada é abundante a repetição de palavras;
- na língua falada é grande a ocorrência de anacolutos ou rupturas de construção: a frase desvia-se de sua trajetória, o complemento esperado não aparece, a frase parte em outra direção;
- na língua falada são muitas as frases inacabadas;
- a língua falada emprega formas contraídas ou omite termos no interior das frases;
- a fala emprega pouco — ou não emprega — certos tempos verbais (o mais-que-perfeito, por exemplo);
- a fala suprime, de modo geral, certas construções (relativas com *cujó*, por exemplo).

Propõem-se como exemplos a serem estudados os textos apresentados em 1.3.5 (5) e 1.4.8 (10).

1.4.3. Vocabulário: linguagem e situação

Sem falar no vocabulário familiar ou informal, próprio de determinado nível de linguagem e relativamente raro na escrita (salvo quando se quer causar um efeito especial), é preciso chamar a atenção para outra diferença na frequência de emprego de certas palavras na linguagem escrita e na oral. Esta diferença deve-se essencialmente às situações nas quais se desenvolvem as mensagens escritas e faladas.

No decorrer de uma comunicação oral, os interlocutores estão em presença, num lugar e num tempo conhecidos por eles (considera-se aqui o caso mais comum da conversação e deixa-se à parte por ora o caso da comunicação oral à distância e indireta); trocam observações a respeito de um determinado assunto. Esta situação reflete-se na forma e no conteúdo da mensagem; à medida que os elementos constitutivos da situação (identidade dos personagens, lugar, data, hora, assunto) são conhecidos, o vocabulário empregado refere-se a eles apenas por alusões (*você* designa o receptor; *eu*, o emissor; *aquí*, o lugar; *agora*, o tempo; *isto*, o assunto da comunicação).

A comunicação escrita é menos “econômica” e força o emissor a fazer referências mais precisas sobre a situação. Por exemplo, num romance o leitor está fora da situação e o autor se vê forçado a dar-lhe com precisão seus elementos (lugar, nome dos personagens, datas, etc.); trata-se, então, apenas da situação dos personagens e raramente se fará alusão à situação do romancista no ato de escrever, ou do leitor

no ato de ler, uma vez que estas duas operações estão distanciadas no tempo e no espaço.

A língua escrita é, então, geralmente mais precisa, menos alusiva, que a língua falada.

1.4.4. Expressividade

A língua falada possui recursos expressivos específicos: acentuação, entonação, pausas, fluência. . .

A *acentuação* é o recurso que põe em relevo uma sílaba ou um grupo de sílabas. Juntamente com as *pausas* — intervalos que recortam a fluidez do discurso — ela determina a compreensão da mensagem, na medida em que a recorta em grupos de sons identificáveis. Uma mensagem mal recortada é incompreensível. Veja-se o exemplo a seguir, em que se sublinham as sílabas acentuadas.

Exemplo: “Você já me mostrou o livro” pode recortar-se da seguinte maneira: [vo/cê/já/me mostrou/o livro]. Observe-se que a cada divisão corresponde uma sílaba acentuada. Recortada assim: [vo/cê já me/mos/trou o li/vro], torna-se incompreensível.

Por outro lado, tanto a acentuação quanto a pausa contribuem para dar relevo expressivo a certos aspectos da mensagem (uma palavra, uma sílaba), de modo a traduzir uma emoção ou o desejo de salientar um ponto importante. É, por fim, a *entonação*, que é a melodia da frase, impõe com sua curva ascendente ou descendente nuances ou sentidos especiais à mensagem.

Exemplo: “Seu irmão saiu muito cedo”

1.º caso: acento mais forte sobre *sau*, opondo o *irmão* em questão ao irmão de outra pessoa; a entonação descendente caracteriza uma afirmação.

[seu irmão saiu muito cedo]

2.º caso: com o acento mais forte, a palavra *muito* ganha ênfase.

[seu irmão saiu *muito* cedo]

3.º caso: o acento sobre *saiu* coloca a palavra em questão em foco, opondo-a, por exemplo, *chegou*, *voltou*, etc.; a entonação ascendente caracteriza uma interrogação.

[seu irmão *saiu* muito cedo]

Cabe acrescentar que na mensagem falada, por estarem os interlocutores em presença, atuam também significações não-verbais suplementares: *mímica*, *gestos* e outros comportamentos.

1.4.5. A expressividade na escrita

Como traduzir uma mensagem oral em língua escrita?

Pela representação aproximada do que foi pronunciado. O emprego do *estilo direto* atende a essa exigência. O diálogo escrito repete um discurso real ou apresentado como real, no caso do romance. Entretanto, as características específicas da língua falada exigem recurso a certos procedimentos especiais de transcrição. Assim é que a falta de referências à situação dos interlocutores deve ser contornada por indicações suplementares (por exemplo, a identidade dos interlocutores é mencionada no início da mensagem):

Sra. X — Eu. . .

Sr. Y — Sim, mas. . .

ou por expressões como *disse ele*, *disse ela*, *respondeu ele*, *exclamou ela*, etc.). Os acentos de intensidade, as pausas, as mínimas, os gestos serão explicitados ou descritos.

Exemplo: "Não!", *exclamou ele batendo com os punhos na mesa. . .*

"Não", *disse com uma voz fraca. . .*

"Não", *disse ele após um minuto de silêncio. . .*

"Não", *disse ele empalidecendo. . . ou ajoelhando-se. . .*

A língua escrita é menos "econômica" do que a língua falada. Ela dispõe, contudo, de outro recurso para transcrever certas características da língua falada: a *pontuação*.

A pontuação tem uma função lógica; ela recorta o discurso em grupos de palavras e evita, deste modo, os erros de interpretação. Nesse sentido ela é essencial à boa compreensão das mensagens escritas e nunca seria demais insistir sobre o cuidado que se deve ter em relação a ela, tanto no ato de escrever como na leitura. A mudança de sentido que acompanha a variação, no exemplo que se segue, ilustra bem este ponto.

Este aluno disse o professor é um incompetente	}	Este aluno disse: "O professor é um incompetente". "Este aluno", disse o professor, "é um incompetente".
---	---	---

A pontuação indica as pausas, a entonação, a melodia da frase, mas pode ter também uma função expressiva (interrogação, exclamação, reticências, etc.). Os autores modernos têm aproveitado habilmente os recursos da pontuação e da tipografia para obter efeitos expressivos. Isso, algumas vezes, através da utilização de vários tipos de pontos, de parênteses, travessão, aspas, de tipos itálicos ou de maiúsculas, de espaços, etc. Outras vezes, suprimem a pontuação por considerá-la muito restritiva, alegando que quebra o ritmo poético ou dramático de um texto.

Seja como for, os sinais de pontuação, mesmo combinados (!? . . .), têm possibilidades expressivas limitadas. As histórias em quadrinhos conseguiram ampliá-las um pouco (ver 4.2), mas é preciso admitir que, a esse respeito, a língua escrita é mais pobre e menos flexível do que a falada.

1.4.6. Conseqüências 1: o escrito no falado

A distinção entre língua escrita e língua falada leva a reconsiderar a aprendizagem do português. Trata-se, na verdade, de aprender duas línguas. Ora, a língua falada é geralmente ensinada, corrigida, retificada, com base na escrita, o que vem a negar suas características específicas. Apresentam-se, assim, exercícios, escolares ou não, visando à produção de mensagens mistas ou espúrias — orais na emissão e escritas na estrutura sintática e lexical. Implicitamente, considera-se inferior a língua falada e faz-se do bom domínio da língua escrita um critério de superioridade cultural.

Depois de Louis Ferdinand de Saussure, alguns linguistas se insurgiram contra esta preeminência da escrita. Atualmente, a tendência é distinguir a aprendizagem oral da escrita. O treinamento nas técnicas de expressão oral assemelha-se à aprendizagem de uma língua estrangeira (utilização de laboratórios). Tem-se procurado dar a mesma atenção e consagrar o mesmo tempo à pronúncia, à fluência, à clareza, à expressividade da linguagem oral e à linguagem escrita. Pelo esforço para chegar a um controle cômodo e correto e a um nível cuidado da língua falada, busca-se reduzir o imperialismo do escrito nessa área.

1.4.7. Conseqüências 2: o falado no escrito

Como reação a esse imperialismo alguns linguistas e escritores vêm propondo que se tire partido, na escrita, dos recursos expressivos da língua falada. Além disso, considerando que a língua falada é a um só tempo mais econômica e mais viva que a escrita, preconizam uma transformação desta, uma transformação que afetaria especialmente a ortografia e a sintaxe.

Assim é que [referindo-se ao francês] Vendryès escreve em *Le Langage*: "Escrevemos numa língua morta. . . Se empregássemos uma reforma completa da ortografia, a diferença entre as duas línguas francesas saltaria a todos os olhos".

Para revigorar a língua escrita, seria preciso injetar-lhe os elementos vivos da língua falada: o vocabulário da linguagem popular, uma sintaxe mais expressiva em lugar de uma sintaxe determinada rigidamente (a ordem das palavras não mais comandada pelas regras da gramática normativa, e sim pelo desejo de pôr em relevo aquilo que é importante), simplificação da ortografia (escrever aquilo que é realmente pronunciado: *vô mimbora* e não *vou-me embora*).

As reformas ortográficas já têm suscitado muitas discussões. Sem negar a necessidade de simplificação, vale de qualquer modo ressaltar que:

— não se pode perturbar a estrutura de uma língua de um dia para o outro sem confundir seus usuários e sem provocar um longo e penoso período de readaptação;

— a ortografia promove uma certa coesão das mensagens escritas; se por um lado ela é, às vezes, pouco justificável e inutilmente complicada, por outro, dá forma e clareza ao discurso escrito.

Encontrar-se-ão, nos exercícios, alguns exemplos de emprego da língua falada na escrita. Observem-se aí as convenções utilizadas e as limitações do procedimento.

1.4.8. Exercícios

1

No artigo "Linguística e Poética" (*Linguística e Comunicação*, São Paulo, Cultrix, 1970, p. 125), Roman Jakobson fala de um ator do Teatro Stanislavski de Moscou que foi capaz de sugerir 50 situações emocionais diferentes, pronunciando a frase "esta noite". Experimente, recorrendo às variações de acento, pausa, entonação, mímica, etc., obter tantas mensagens diferentes quantas puder, trabalhando com as seguintes frases:

"Ser ou não ser, eis a questão."

"São cinco horas."

"Fogo."

"Você já foi à Bahia? Não? Então vá."

2

Procure representar na escrita, usando os recursos que são próprios a ela, os vários sentidos dados às frases acima em linguagem oral.

3

Observe as gravações de linguagem oral transcritas em 1.6.4 (II) e em 3.2.1 e destaque aquilo que é específico da linguagem oral. Tente, também, identificar o nível de linguagem em cada caso.

4

Observe os textos de 1.5.5 e 2.3.4, e destaque de cada um deles os elementos característicos de linguagem falada.

5

Faça o mesmo em relação ao texto seguinte:

Sr. S. — Bem, não... mas... assim, entende, a situação não está tão ruim. Até que... até que está bem melhor do que eu pensava, porque, quando eu cheguei lá, ele estava quase desistindo... Pois agora, em menos de um mês, veja você, ele já está até falando em, quer dizer, até insistindo em abrir de novo a loja. Será que foi por causa daquele tratamento, sabe, o repouso e tudo o mais? Bom, o fato é que agora o pessoal tá mais calmo, né, porque... Sei lá, todo mundo tava tão nervoso! Enfim, é como eu disse, né, a situação podia estar melhor, mas também podia estar bem pior...

6

Examine as duas primeiras páginas de vários romances ou contos. Destaque as referências à situação dos personagens. São numerosas? São precisas? Qual sua função?

7

(Capitão (entrando))

— Não há ninguém em casa? Ou estão todos surdos? (entra) Assentar-me-ei e espero que venham.

[Dirige-se para junto da mesa, tira a barratina, põe sobre a mesa, e se assenta, quando, por acaso, voltando a cabeça, dá com o Judas; supondo ser um homem, ergue-se repentinamente e o cumprimenta; conhecendo, porém, o engano, desista a rir-se.] — E boai. E eu não me enganei com o Judas, pensando que era um homem?... Ah! Ah!... Está um figurão! E o mais é que a máscara parece viva! [Diz estas palavras já sentado e olhando para o Judas] — Aonde estará esta gente? Preciso muito falar com o Cabo Pimenta [bate sobre a mesa] e ver a filha — mas não seria mau que ele não estivesse em casa, desejo ter certa explicação com a Maricota.

PENA, L. C. Martins. "O judas no sábado de aleluia." In: *O juiz de paz da roça e O judas no sábado de aleluia*; estabelecimento do texto e notas de Amália Costa. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1951, p. 63.

A quem se destinam as indicações dadas entre colchetes? Destaque as referências à situação na fala do personagem. Como se justificam essas referências?

8

Observando o desempenho dos interlocutores em conversas, procure identificar os signos expressivos não-verbais e avaliar sua frequência e sua importância para a compreensão das mensagens.

9

Aí, eu aprendi. Eu sei fazer igual onça. Poder de onça é que não tem pressa: aquilo deita no chão, aproveita o fundo bom de qualquer buraco, aproveita o capim, procura o escondido de detrás de toda árvore, escorrega no chão, mundéu-mundéu, vai entrando e saindo, miacinho, põ-pu, põ-pu, até pertinho da caça que quer pegar. Chega, olha, olha, não tem licença de censar de olhar, eh, tá medindo o pulo. Hã, hã... Dá um bote, às vez dá dois. Se errar, passa fome, o pior é que ela quase morre de vergonha... Ai, vai pular: olha demais de forte, olha pra fazer medo, tem pena de ninguém... Estremece de diante pra trás, arruma as pernas, toma o açoite, e pula pulão! — é bonito...

ROSA, Guimarães. "Meu tio o lauretê". In: —. *Estas estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, p. 133.

Identifique, no texto, as marcas características de linguagem oral. Comente o nível de linguagem. Observe os recursos utilizados pelo autor para transcrever alguns signos não-verbais.

10

Tente responder as questões propostas no exercício anterior com relação ao texto abaixo. Observe aqui a função da pontuação e os meios utilizados para transcrever a expressividade da linguagem oral.

— Quantos minutos ainda?

— Oito.

Biagio alcançou a bola. Ai, Biagio! Foi levando, foi levando. Assim, Biagio! Driblou um. Isso! Fugiu de outro. Isso! Avançou para a vitória. Salame nele, Biagio! Arremeteu. Chute agora! Parou. Disparou. Ai! Reparou. Hesitou. Biagio! Biagio! Calculou. Agora! Preparou-se. Olha o Rocco! E agora! Ai! Olha o Rocco! Cantu.

- CA-VA-LOI
Purrriji
- Fênalti

MACHADO, A. Alcântara. "Corinthians (2) vs. Palestra (1)".
In: —. *Novelas paulistanas*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio,
1976. p. 33.

11

Observe o emprego e o não-emprego da pontuação nos textos abaixo. Reescreva-os com a pontuação lógica e compare os textos obtidos com os originais.

a.

Aquela força, aquela força, coisa, é uma fraqueza, e daqui mesmo, com vosmecê amarrado aí no coqueiro que é pra ver um macho lutando, o que vosmecê nunca fez na vida, trempe, aquela força é uma fraqueza, venha de lá fraqueza do governo, me solto, me destaramele, me vou e é assim mesmo, na idéia umas lembranças, na mão uns bacamartes, nos pés uma fincada, minha vida e a laranjeira morta e a lua que Luzinete mora, espie aí, coisa, é uma fraqueza e miles homens desses é como nada e como eu tem mais aqui, essa é uma terra de macho, viu, traste, e a terra que me pariu vai me vomitar de novo, quantas vezes me enterrarem...

RIBEIRO, J. Ubaldio. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro, Artenova,
1975. p. 113.

b.

VAGAR EM CÍRCULO (Repetição)

a esperança me o-
briga a caminhar
em círculo em tor-
no do globo em tor-
no de mim mesmo em
torno de uma mesa
de jogo

até que o zodiaco
pára e a noite cos-
tura-me a boca a
retros preto/mas
eu fico impresso
no olho do dia o-
bsoleto

viagem em círculo
sem ida nem venida
sem nenhuma aveni-
da/adus com a mão
esquerda/amanhã
recomeço

entre um e outro
julho entre um e
outro crepúsculo a
cidade que busco
como hei de encon-
trá-la/ouço-lhe a
fala mas estou na

outra sala/amanhã
recomeço

a esperança é um
círculo no zodí-
aco na ctanda na
roleta na rosa do
circo na roda do
moinho
amanhã recomeço

em que lado do glo-
bo terá cessado o
diálogo da ovelha
e do lobo
?

RICARDO, Cassiano. *Jeremias sem chorar*. 2.ª ed. Rio de Janeiro,
José Olympio, 1968. pp. 125-6.

1.5. A RETÓRICA

1.5.0.

A retórica ou arte de bem falar não é muito prestigiada atualmente. Na sua origem (que remonta ao século V a.C.), consistia num conjunto de técnicas destinadas a reger a organização do discurso, segundo os objetivos a serem atingidos. Era um meio de chegar ao domínio da linguagem verbal. Além disso, a abordagem de tais técnicas levava a estudar a linguagem e seus componentes e a fazer disso um objeto de ciência. Infelizmente, a retórica confundiu rapidamente seus fins e seus meios. Reduziu-se a uma técnica de ornamentação do discurso, exagerando as sutilezas nas distinções das figuras. Depois de ter sido objeto de ensino prático da linguagem e da ciência, contribuiu para esclerosar a eloquência e sufocar o discurso verbal pela multiplicidade de regras e figuras: não tardou a apagar-se e a se tornar sinônima de afetação ou de declamação falsa. Mas, de alguns anos para cá, vem ela reconquistando seu lugar de honra. Assim, reeditam-se na França velhos tratados do século XVIII (Dumarsais) e do século XIX (Fontanier). Volta-se a estudar as figuras, sobretudo no domínio poético. Uma breve descrição dos principais elementos da retórica talvez nos ajude a compreender as razões de seu renascimento.

1.5.1. Organização do discurso

A retórica ensina a compor e organizar o discurso verbal e para tanto faz distinção entre vários tempos. Num primeiro, tem-se como tarefa *encontrar* o que se vai dizer (argumentos); num segundo, procura-se *dispor* o que se encontrou numa ordem que depende do objetivo traçado (informar, demonstrar, convencer, encorajar: cada uma dessas operações conduz a uma organização particular dos elementos do discurso). Em suma, é preciso construir um plano e, em especial, cuidar da elaboração do começo e do fim do discurso. Num terceiro tempo, a tarefa é a de atentar para

o modo de apresentação dos argumentos, recorrendo-se às *figuras*. Finalmente, no quarto tempo, o trabalho constitui-se em *dizer* o discurso, utilizando os recursos vocais (dicção) e os gestuais.

Cada um desses quatro tempos é objeto de um estudo aprofundado que gera técnicas precisas, repertoriadas nos tratados de retórica.

A prática da linguagem se faz por jogos verbais rigorosamente regulamentados. Assim, a *improvisação* se destina a exercitar a inventividade do candidato, visto que ele deve, a partir de um tema dado, improvisar um discurso cuja qualidade será julgada segundo o número e valor dos argumentos encontrados; a improvisação exclui a organização, mas não a ornamentação: será julgada a aptidão do candidato em mobilizar rapidamente as "figuras" que ele conhece. A *disputatio* é a apresentação de uma tese por parte do candidato escorada por um certo número de argumentos; esta tese é contraditada pelo júri e o candidato deve responder à contradição. Esses exercícios são regulamentados e quase ritualizados. As defesas de tese em nossos dias constituem resquícios dessa prática.

Os retóricos não chegaram a um acordo comum sobre os fundamentos e os métodos de sua "arte". Assim, durante muito tempo, debateu-se a questão de saber se era preciso encontrar os argumentos e depois colocá-los em ordem (o que importa são os próprios argumentos, seu número, sua natureza, que impõem esta ordem: os argumentos criam o plano) ou se era preciso inserir os argumentos num plano previamente estabelecido, o que implica na determinação de certos mecanismos que se utilizarão segundo as necessidades. Esse debate abrange um problema importante: recorrer a planos fixos é imobilizar o pensamento e reduzi-lo a estereótipos; fazer decorrer o plano dos argumentos é atribuir ao pensamento um poder criador. Essa distinção se evidencia na poesia; alguns poetas trabalham com formas fixas muito restritivas e limitam sua inspiração a esse modelo estreito (um exemplo claro dessa atitude pode ser observado nos Grandes Retóricos, que inventavam e complicavam fartamente as restrições métricas de seus poemas); outros, no entanto, partem de uma palavra, de um ritmo, de uma "impressão" e, desses elementos, que lhes são próprios, criam uma forma poética original (é o caso, por exemplo, do conhecido poema "Y Juca Pirama" de Gonçalves Dias, cujo ritmo em algumas de suas partes é construído sobre o ritmo de cadência de tambor, típico de rituais indígenas).

Saliente-se, para finalizar, que os debates dos retóricos ligavam-se na maioria das vezes aos debates num outro domínio: o da filosofia.

1.5.2. As figuras

Constituem os "ornamentos" do discurso. A figura se opõe à linguagem simples. Ela desvia os elementos da linguagem comum do seu uso normal, criando uma linguagem nova, qualificada às vezes de "florida"... Seria cansativo considerar as inúmeras figuras compiladas nos tratados de retórica. Vejamos algumas das mais conhecidas:

— a *aliteração*: repetição de um som ou de um grupo de sons (*O rato roeu a roupa do rei de Roma*).

— a *paronomásia*: aproximação de termos vizinhos pela sonoridade mas não pelo sentido (*Quem viver verá*).

— o *anacoluto*: ruptura de construção (*aquele ponte, muitos já tentaram em não reconstruí-la*).

— a *elipse*: supressão de certos elementos sintáticos; permite acelerar o discurso (*Alguns pensam no uísque do dia seguinte, outros, na água do próprio dia*).

— a *litotes*: consiste em dizer pouco para exprimir muito (*Ele não sabe rejeitar um golinho*).

— *hipérbole*: consiste num exagero (*história escrita com sangue*).

— a *perífrase*: exprime, por um grupo de palavras o que poderia ser expresso por uma só palavra (*astro da noite* ao invés de "lua").

— *antífrase*: consiste em exprimir, pelo discurso, uma coisa diferente do que disse, por ironia (*como você é inteligente* dito por exemplo a uma pessoa que não entende aquilo de que se está falando).

— a *comparaçào*: identifica dois objetos a partir de um elemento que lhes é comum; a comparação completa compreende quatro termos:

- o comparado (objeto que se compara)
- o comparante (objeto ao qual se compara o comparado)
- o termo comparativo (como, tal, tão... como, semelhante, etc.)
- o ponto de comparação.

Exemplo:

A liberdade das almas,

.....
frágil, frágil como o vidro

MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Rio, José Aguilar, 2.ª ed 1972, p. 235.

Estrutura da comparação	{	Comparado: <i>A liberdade das almas</i>
		Comparante: <i>o vidro</i>
		termo comparativo: <i>como</i>
		ponto de comparação: <i>a fragilidade</i>

— a *metáfora*: figura de substituição; um termo substitui um outro por analogia; a metáfora é uma comparação, em que não se explicita nem o comparado, nem o termo comparativo, nem o ponto de comparação.

Exemplo: pela comparação se diria: "Ele é teimoso como uma porta".
pela metáfora se diria: "Ele é uma porta".

— a *metonímia*: exprime um objeto por um termo que designa um outro objeto unido ao primeiro por uma relação estreita; ela exprime o continente pelo conteúdo ("Uma cidade que não sabe o que quer"), a causa pelo efeito ("Ouviu o relógio e saiu às pressas").

Pode-se estabelecer uma classificação ainda mais operatória dessas figuras. Assim, distinguem-se:

As figuras fônicas ou gráficas, que agem sobre a sonoridade ou grafia das palavras: aliteração, paronomásia, rimas, assonância, trocadilhos, anagrama, escrita fonética (escrever como se fala) modificações ortográficas propositais (“proloongar”).

As figuras sintáticas que agem sobre a sintaxe da frase (anacoluto, elipse, enumeração, inversão).

As figuras semânticas que agem sobre o sentido das palavras, o qual se desloca ou se transforma (metáfora, metonímia).

As figuras lógicas que agem sobre o valor lógico da frase, sobre sua ordem habitual ou sobre a estrutura de conjunto do enunciado, entendendo-se que este normalmente se apresenta seguindo uma ordem ou progressão “lógicas” (litoses, hipérbolés, repetição, pleonasma, antífrase).

1.5.3. A retórica na atualidade

O renascimento da retórica, nos dias de hoje decorre de um estado de espírito bem distinto daquele que provocou seu desenvolvimento e seu triunfo. Enquanto a retórica clássica acabou por se constituir num conjunto de técnicas destinadas à produção de discursos, na atualidade ela é também um instrumento da análise do discurso, sobretudo dos discursos estereotipados. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa produz mensagens construídas segundo modelos simples, agenciadas para objetivos precisos (publicidade, informação, propagação, lazer: informar, convencer, emocionar). A retórica permite extrair esses modelos, colocar em evidência os *sistemas de significações* de tais mensagens. Nessa linha de preocupação, uma série de trabalhos de pesquisa foram empreendidos, analisando artigos de jornal (noticiário, biografias), textos de paraliteratura (romance policial, ficção científica, fotonovelas, etc.). Em outros termos, a retórica pode ser encarada como um instrumento para a análise científica da linguagem veiculada pelos *mass-média*.

1.5.4. Retórica e técnicas de expressão

Pelas considerações feitas até aqui, é possível afirmar que existe uma estreita relação entre as “técnicas de expressão” e a retórica. Aliás, nosso universo verbal, particularmente no domínio escolar, está profundamente marcado pela retórica clássica. No entanto, é preciso que se considere que as técnicas de expressão não constituem receitas ou rol de ornamentos que visam ao “falar bonito”, mas sim, uma maneira de aperfeiçoar o comportamento intelectual (reflexão, compreensão, análise) e uso mais eficaz da linguagem. Em caso algum, elas devem se permitir a confusão entre meios e fins; em outros termos, a prática das técnicas de expressão deve realizar uma verdadeira utilização dialética da linguagem, incorporando profundamente a análise e o comportamento crítico, evitando dessa forma a absorção do indivíduo na palavra.

1.5.5. Exercícios

- 1 Selecione documentos que apresentem argumentos contrários ou favoráveis ao racismo. Ordene esses argumentos. Redija dois “discursos” sustentando cada uma das duas teses opostas.
- 2 Sobre o mesmo tema e a partir dos mesmos documentos, prepare e realize uma *disputatio*.
- 3 Após definir um certo número de temas em grupo realize improvisações sobre esses temas (de 2 a 15 minutos).

4 Nos textos seguintes, aponte as principais figuras de retórica, descreva seu princípio e explicita seus elementos constitutivos, precisando seu valor expressivo ou significativo (elas são ornamentais, significativas, expressivas, etc.?).

- a.

Ó Madalena, ó cabelos de rastos,
Lírio poluído, branca flor inútil,
Meu coração, velha moeda fútil
e sem relevo, os caracteres gastos,
De resignar-se torpemente dúctil,
Dessespero, nudez de seios castos,
Quem também fosse, ó cabelos de rastos,
Enxovalhado, ensangüentado, inútil,
Dentro do peito, abominável cômico!
Morrer tranqüilo – o fastio da cama
Ó redenção do mármore anatômico!

Amargura, nudez de seios castos,
Sangrar, poluir-se, ir de rastos na lama,
Ó Madalena, ó cabelos de rastos!

PESANHA, Camilo. In: *Camilo Pessanha – Poesia e prosa*. Rio, Col. Nossos Clássicos, Livraria Agir Editora, 1965. pp. 22-3.
- b.

Ficarão para sempre abertas as minhas
salas negras.
Amarrado à noite, eu canto com um lírio
negro sobre à boca.
Com a lepra na boca, com a lepra nas
mãos.
Este mamífero tem sal à volta, este
mineral transpira, a primavera precipita-se.

Com a lepra no coração,
 Mais de repente, só chegar à janela e
 ver uma paisagem tremendo de medo.
 É uma vida mais lenta só com uma estrela
 às costas, uma tonelada de luz inquieta, uma
 estrela respirando como um carneiro vivo.
 Igual a esta espécie de festa dolorosa,
 apenas um ramo de cabelos violentos e o seu
 odor a pimenta, no lado escuro como se canta
 que as salas vão levantar o vóo.

HELDER, Herberto. *Vocações animal*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1971. P. 73.

c.

Junto do leito meus poetas dormem
 — O Dante, a bíblia, Shakespeare e Byron —
 Na mesa confundidos. Junto deles
 Meu velho candeeiro se espreguia
 E parece pedir a formatura.
 O meu amigo, ó velador noturno,
 Tu não me abandonaste nas vigílias,
 Quer eu perdesse a noite sobre os livros,
 Quer sentado, no leito, pensativo
 Relesse as minhas cartas do namorado!
 Quero-te muito bem, ó meu comparsa,
 Nas doídas cenas de meu drama obscuro!
 E num dia de *spleen*, indo a pachorra,
 Hei de evocar-te num poema heróico
 Na rima de Camões e de Ariosto
 Como padrão às tãmpadas futuras.

AZEVEDO, Álvaro de. In: CÂNDIDO, A. e CASTELLO, J. A., *Pre-sença da literatura brasileira*. 5.ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974. p. 23.

1.6. AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM NA EXPRESSÃO E NA COMUNICAÇÃO

Definimos em 1.1.1. e 1.1.2. os diferentes elementos implicados no processo de comunicação: o destinatador, o destinatário, o referente, o canal (ou contato), o código, a mensagem. A cada um desses seis elementos corresponde, no quadro da comunicação estabelecida pela linguagem, uma função lingüística. É a Roman Jakobson que se deve a definição dessas seis funções.

1.6.1. As seis funções da linguagem

a. *A função expressiva*, centrada sobre o destinatador (ou emissor) da mensagem, exprime a atitude do emissor em relação ao conteúdo de sua mensagem e da situação. *Кому? Куда? (Ты) ...*

Tudo aquilo que, numa mensagem escrita ou falada, revela a personalidade do emissor, concerne à função expressiva (é o caso do papel da interjeição com valor emotivo, julgamentos subjetivos, entonações características, etc.).

Exemplo:

Acho-me tranqüilo — sem desejos, sem esperanças. Não me preocupa o futuro. O meu passado, ao revê-lo, surge-me como o passado de um outro. *Permaneci, mas já não me sou*. E até a morte real, só me resta contemplar as horas a esgueirar-se em minha face. ... *A morte real* — apenas um sonho mais denso.

CARNEIRO, Mário de Sá. *A confissão de Lúcio*. 4.ª ed. Lisboa, Ática, 1973. p. 164.

Nesse texto, a função expressiva está marcada pelo emprego da primeira pessoa (expressa pela desinência do verbo, pelos pronomes me, meu), bem como pela utilização de certos procedimentos que reforçam as afirmações do destinatador: repetições de *Sem*, emprego do paradoxo "permanecer e não mais ser", emprego de metáfora como "horas a esgueirar-se".

Exemplo

b. *A função conativa* é a função que se orienta para o destinatário. Tudo o que, numa mensagem remete diretamente ao destinatário dessa mensagem, concerne à função conativa cujas manifestações mais evidentes são os imperativos como "sentem-se" ... "silêncio" ... "sala" e os vocativos.

Exemplo:

IRENE NO CÉU

Irene Preta
 Irene boa
 Irene sempre de bom humor.

Imagine Irene entrando no céu:

— Licença, meu branco!
 E São Pedro Bonachão:
 — Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

BANDEIRA, Manuel. *50 poemas escolhidos pelo autor*. MEC, Cadernos de Cultura. Rio, 1959. p. 29.

Nesse poema, a função conativa pode ser observada pelo uso do imperativo e do vocativo nas frases: "Licença, meu branco!" e "Entra, Irene".

c. *A função referencial*, também chamada denotativa, está centrada sobre o referente. Tudo o que, na mensagem, remete aos referentes situacionais ou textuais, concerne à função referencial.

Exemplo:

Ônibus Destroçado na Rodovia: 13 mortos.

Folha da Tarde, 26/1/77.

Esta informação utiliza somente a função referencial da linguagem da mesma forma que esta: "Museu de Arte Contemporânea — aberto das 9 às 11h".

Resumindo, podemos dizer que a função expressiva está centrada sobre o eu, a função conativa sobre o tu, a função referencial sobre o ele (sendo o ele, gramaticalmente neutro, equivalente a um isso).

d. A função fática está centrada sobre o "contato" (físico ou psicológico). Tudo o que numa mensagem serve para estabelecer, manter ou cortar o contato (portanto a comunicação) concerne a essa função.

Assim, por exemplo, numa comunicação telefônica, o tradicional "alô" estabelece o contato, as expressões "você está me ouvindo?", "um momento por favor" mantêm o contato, "vou desligar" interrompe a comunicação.

A função fática manifesta essencialmente a necessidade ou o desejo de comunicar. Pode-se observar que a linguagem das crianças recorre frequentemente a essa função linguística (hein, mãe).

Exemplos:

1

SINAL FECHADO

Olá, como vai?

Eu vou indo, e você, tudo bem?

Tudo bem, eu vou indo, correndo,

pegar meu lugar no futuro. E você?

Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono tranquilo, quem sabe?

Quanto tempo...

Pois é, quanto tempo...

Me perdoe a pressa

é a alma dos nossos negócios...

Oh! não tem de quê.

eu também só ando a cem.

Quando é que você telefona,

precisamos nos ver por aí.

Pra semana, prometo, talvez

nos vejamos, quem sabe?

Quanto tempo...

Pois é, quanto tempo...

Tanta coisa que tinha a dizer,

mas eu sumi na poeta das ruas.

Eu também tenho algo a dizer,

mas me foge a lembrança.

Por favor telefone; preciso beber

alguma coisa rapidamente.

Pra semana...

O sinal...

Eu procuro você...

Vai abrir, vai abrir...

Prometo, não esqueço.

Por favor, não esqueça, não esqueça, não esqueça.

Adeus...

Paulinho da Viola

Sinal Fechado, n.º 6349 122 — Philips, 1974.

A função fática constitui um dos elementos capitais deste texto. Boa parte de suas frases cumprem a função de instaurar ou manter o contato; pode-se dizer inclusive que o texto todo funciona como um conjunto organizado de expressões que pouco informam, mas que mantêm os interlocutores em contato.

2.

Dona Maria como vai sua tia?

Chacrinha

A função fática aqui se manifesta por um seqüência de palavras sem nenhuma função informativa, mas destinada a manter contato entre o público e essa conhecida personalidade da televisão.

e. A função metalingüística é aquela que está centrada sobre o código. Tudo o que, numa mensagem, serve para dar explicações ou precisar o código utilizado pelo destinatador concerne a essa função. O destinatário pode ter necessidade de perguntar sobre os termos utilizados "o que é que você quer dizer?...", "Que é que significa isso?" e o destinatador pode precisar sua própria linguagem. "Quero dizer com essa palavra..." "Isto é...". Numa aula sobre vocabulário, o diálogo entre o professor e o aluno recorre abundantemente a essa função (a metalingüagem é uma linguagem que fala da própria linguagem).

Exemplo:

Os dicionários são obras de caráter metalingüístico, mas podemos pensar também nas definições de palavras cruzadas, e em outros textos com esse mesmo caráter, como é o caso do trecho que se segue:

Neste ensaio, "ciência normal" significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para a sua prática posterior.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Ed. Perspectiva, 1976, p. 29.

(17)

f. A função poética é aquela que se centra sobre a própria mensagem. Ela coloca em evidência o lado palpável dos signos (Jakobson). Tudo o que, numa mensagem, suplementa o sentido da mensagem através do jogo de sua estrutura, de sua tonalidade, de seu ritmo, de sua sonoridade, concerne à função poética.

A função poética não abrange somente a poesia. No entanto, na poesia, a função poética é dominante, ao passo que, em outras formas de expressão linguística, ela é acessória.

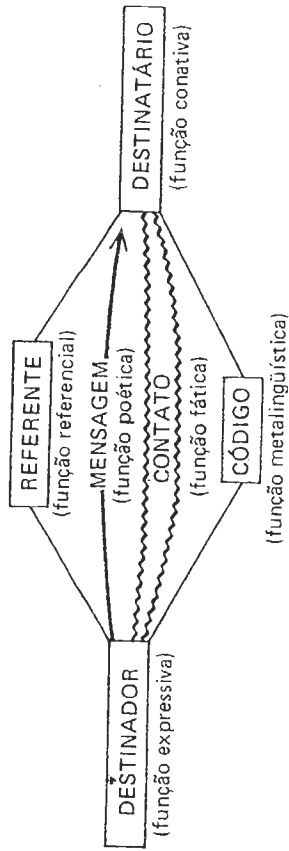
Exemplos:

Os anúncios publicitários e políticos recorrem frequentemente à função poética da linguagem:

—Melhoral é melhor e não faz mal.

—Vote certo votando em Carlos Alberto.

O esquema que segue indica as correspondências entre os elementos de comunicação e as funções da linguagem:



1.6.2. Observações sobre funções da linguagem

a. As seis funções da linguagem não se excluem, mas também não se encontram todas reunidas necessariamente numa dada mensagem. Aliás, é muito raro encontrar numa mensagem *apenas uma* dessas seis funções. Frequentemente elas se *superpõem*.

b. No entanto, pode-se admitir que numa dada mensagem, uma ou outra função seja dominante. Pode-se, assim, distinguir tipos de mensagens, seguindo a hierarquia das funções que são aí representadas, e estabelecer com isso uma tipologia das mensagens, segundo a importância das funções representadas:

- *mensagens referenciais*, centradas sobretudo no referente (situacional, ou textual, real ou fictício);
- *mensagens expressivas*, centradas sobretudo no destinatador e voltadas para a expressão dos sentimentos, suas emoções, seus julgamentos;
- *mensagens conativas*, centradas no destinatário, acionando-o diretamente;
- *mensagens fáticas*, onde domina o cuidado de estabelecer ou de manter o contato;
- *mensagens metalinguísticas*, são explicativas e estão centradas no código;
- *mensagens poéticas*, onde ritmos, sonoridades e estrutura da mensagem têm tanta importância quanto o conteúdo das informações que ela veicula.

c. A classificação de Jakobson tem sido questionada por certos linguistas. O autor é criticado, de um lado, por distinguir artificialmente na linguagem o que visa à expressão e o que age sobre o outro (o esquema da comunicação não indica que o emissor se exprime precisamente para o receptor?); por outro lado, observa-se que não há características linguísticas particulares a cada função: uma mesma frase pode ser expressiva ou conativa, referencial ou metalinguística ("estou com calor" é a expressão de uma sensação, mas pode ser também um pedido indireto de uma bebida refrescante...).

Mas, na medida em que se entende que as funções se superpõem ou se imbricam numa mesma mensagem, parece que essa classificação pode ser de grande utilidade para a análise e produção de enunciados. Ela oferece meios relativamente simples e rigorosos para tornar evidentes os elementos da comunicação articulada num texto.

e para definir a situação na qual se desenvolve a mensagem, e ainda, através da determinação da ou das funções dominantes, para precisar a natureza da mensagem.

Nos capítulos seguintes, serão encontrados precisões suplementares sobre essas questões.

1.6.3. Exemplos

Exemplo 1

Determinação das funções manifestadas numa dada mensagem.

Segue um texto extraído de um anúncio publicitário de um automóvel.

Este é o Passat 76. Impacto de beleza, linhas arrojadas e harmoniosas. Mas isso não é tudo, quando um carro é concebido por inteiro. É preciso entrar no Passat 76, dirigir o Passat 76, sentir o Passat 76. É comprovar, detalhe por detalhe, que nenhum carro da sua categoria é tão forte e seguro com tanto conforto. Que nenhum ofereça melhor desempenho com tanta economia. E no Passat 76, além de tudo o que existe de avançado em matéria de automóvel, você vai encontrar aí, as novas cores, bancos redesenhados e mais confortáveis com novas padronagens, painel mais moderno e atraente e saídas de ar agora embutidas nas portas, em perfeita combinação com o estilo do carro.

Visão, 8/12/75.

A função dominante nesse trecho é a função referencial: trata-se de um texto que traz informações sobre o carro: "novas cores, bancos redesenhados e mais confortáveis com novas padronagens, painel mais moderno e atraente, saídas de ar agora embutidas nas portas..."; a presença da *função conativa* indica o desejo de envolver o leitor na mensagem e de salientar que se trata de um carro excepcional, que é preciso adquirir ("É preciso entrar no Passat, dirigir o Passat...").

Exemplo 2

Eis um trecho das Novas Cartas Portuguesas:

Minha Querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Mãre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece. Por princípio odeia tudo o que amo, ridicularizando sempre os meus sentimentos, destruindo-os pela sua delicadeza e sensibilidade com grande prazer e riso, brutalmente.

Mas de ti que é feito Mimha Mariana? Que resta de ti, aí de clausura posta à força? Recordarei sempre teus gritos, teu desespero, tua raiva, tua recusa enlouquecida em aceitares o convento, teu ódio; depois perante o inevitável, teu mutismo, teu aceitar dos fatos com alívio, o desprezo por todos a subir-te aos olhos e o sorriso cortante a parmentar-te de ironia a boca em jeito de vingança...

Que desgraça o se nascer mulher: Frágil, inaptas por obrigação, por casta, obdientes por elo a seus donos, senhores sófegos até nossos males...

ESTRELA - O'ÁVIA, BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria

1977-1978, Vol. 1

1977-1978, p. 170.

Nesse texto, também, se superpõem várias funções:

A *função expressiva*. É a destinadora da carta que se exprime lamentando sua própria vida e a de sua interlocutora.

Vários são os recursos utilizados para a manifestação dessa função:

- emprego da primeira pessoa: observável pela terminação de verbos (*conseguir* autorização) e pela presença de pronomes como eu, tu;
- emprego da interjeição: Que desgraça o de nascer mulher!;
- emprego de interrogações: Mas de ti o que é feito minha Mariana? Que resta de ti, aí de clausura posta à força?;
- uso de repetições: teus gritos, teu desespero, tua raiva;
- emprego da gradação: grito, desespero, raiva, recusa enlouquecida, ódio.

A função referencial. Através desta a autora assinala certos elementos da realidade, sobretudo sua situação:

Só hoje consegui autorização para te escrever... meu marido que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir falar sem raiva... odeia tudo o que amo.

A função conativa. Embora não perceptível num primeiro momento, observa-se que as interrogativas do texto podem ser interpretadas como um imperativo: por elas, o destinatador pede a Mariana que não se deixe abater pela clausura.

1.6.4. Exercícios

1

No texto que segue:

1. Separe as manifestações da função expressiva e caracterize a atitude do narrador diante daquilo que o cerca.
2. Defina a natureza e as particularidades dos referentes (cf. 1.1.2.f).
3. Separe as diferentes manifestações da função poética e justifique sua presença.

"Não, eu não agüento mais", gemia atarantada Maria, já em borbulha de lágrima, enquanto eu a auxiliava a içar do carrinho os pesados painéis quentes. Enquanto Débora, vozinha aguda, lancetava nos ouvidos, "força, queridinhos, força", eu procurava dar ânimo a Maria com apelos às recompensas que o trabalho honesto sempre traz, relembrando que a "vida é luta renhida, que aos fracassos bate, que aos bravos e aos fortes só pode exaltar".

Débora comia munida de uma grande colher. Chegava a ser hipnótico o ritmo com que a colher subia e descia, enquanto o grande papo se movimentava em uma espécie de rotação. Devido à pressa, os caldos escorriam até o queixo, de onde pingavam sobre o enorme bafeiro de plástico que cobria quase toda a cama e que Maria atava em redor do pescoço anelado pela gordura. Para mim o máximo fascínio era vê-la agarrar com as duas mãos uma enorme torta de maçã e devorá-la com quatro dentes.

MACHADO, Ruben Mauro. "Acontecimentos com Débora." In: *Jacarés ao sol*. São Paulo, Ed. Ática, 1976.

PSIU, GÁSOLÃO!...

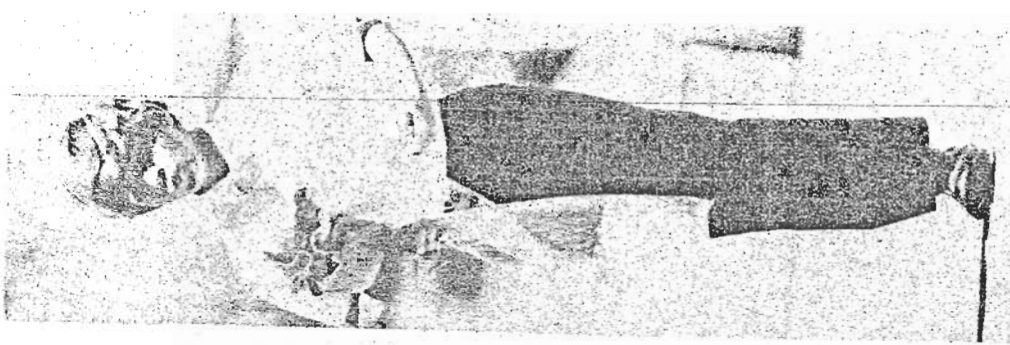
Trecho de um diálogo gravado entre um adulto e um garoto de 9 anos:

- O que que é um automóvel?
- Ahn... que que é um automóvel?... não sei... é... é um carro pra levar as pessoas... né?... é um carro... pra gente ir mais depressa.
- E como é que ele funciona?
- Ahn... com um motor... ah, não sei... não sei como ele funciona... ninguém me ensinou como é que ele funciona... ahn... ele funciona com gasolina...
- O que é que faz um carro andar?
- ah... não sei... tem o pneu... tem o breque, tem o acelerador... não sei... e depois?... hein?... ah eu não sei falar de carro... né...
- Você me disse que tem o motor?
- Tem um motor mas eu não sei como é que ele funciona... ai, mas que pergunta... por que que você tá perguntando isso... me fala, vá... me fala... bom... você entendeu o que que eu falei?

Questões

Quais são as funções dominantes nesse texto? Justifique sua presença. Uma dessas funções se manifesta mais frequentemente na língua falada que na escrita? Qual é? Por quê?

No anúncio publicitário que está reproduzido ao lado, qual é a função dominante? Justifique sua importância.

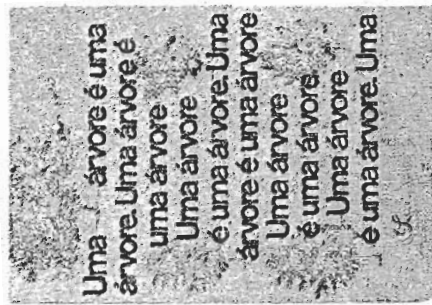


Você já pensou em ser PADRE?
Não?!
Então, pense nisto:
Jesus Cristo falou e disse
que vale a pena!

Escreva pedindo informações aos
- Padres Claretianos
Cx. P. 615 - 01000 - São Paulo

3

Estude as funções representadas no anúncio publicitário reproduzido abaixo (a disposição gráfica do texto é importante? com qual função da linguagem você poderia relacioná-la?).



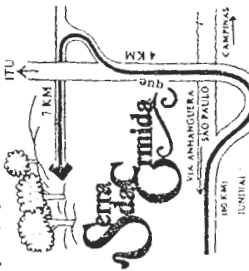
Estude as funções da linguagem no texto publicitário ao lado:

Em que tipos de mensagens você classificaria os textos dos exercícios de 1 a 8?

SERRA DA ERMIDA, PADRÃO LINDENBERG A 1200 METROS DE ALTITUDE

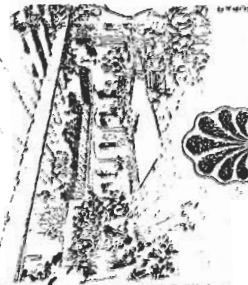


Serra da Ermida é um loteamento de rara categoria. A 1.200 metros de altitude, está localizado num dos lugares bonitos que a natureza criou. Chácaras de 5.000 m², com as restrições necessárias, contendo com água encanada, luz, força e asfalto até a entrada, em execução. Arquitetos e engenheiros da Lindenberg para projetar e construir sua casa.



O acesso é fácil pela Via Anhangüera. Com o término da via Norte, previsto para 78, estará mais perto ainda, a cerca de 40 minutos de S. Paulo. Vá conhecer Serra da Ermida. Respirar o ar da montanha faz muito bem. Sábado e Domingo, corretores no local.

PREÇO CTS 600.000,00 EM 40 MESES SEM JUROS.



CONSTRUTORA ADOLPHO LINDENBERG S.A.
 Av. Higienópolis, 402 - S. Paulo
 Tel. 656.545 e 631.28
 Rua Estadual, 300 - S. Paulo
 Inscrição nº 10.930.000 - SEL. CIV. 59

A ficha técnica reproduzida a seguir traz informações sobre um carro. A função dominante é a função referencial.

Operando uma escolha cuidadosa nas informações fornecidas, e recorrendo às funções da linguagem que você considera as mais eficazes, fabrique a partir desta ficha:

- um texto publicitário com aproximadamente cem palavras, dirigindo-se a um público esportivo;
- um texto publicitário com aproximadamente cem palavras, dirigindo-se a uma clientela constituída de chefes de família.

Dodge 1800 Polara

Especificações Técnicas

Motor	em linha
Tipo do motor	4
Número de cilindros	1.799
Capacidade (cm ³)	66,13 x 77,19
Diâmetro x curso (mm)	1,7 x 1 m.k. a 3.500 rpm
Taxa de compressão	92:10 a 5000 rpm
Configuração máxima	1 horizontal
Potência máxima	148 kg
Número de carburadores	água sob pressão
Legenda do motor	
Capacidade de armazenamento	
Capacidades	
Câmbio	3,5 litros
Sistema de arrefecimento	6 litros
Torque de combustivel	42 litros
Porta-malas	306 dm ³
Embreagem	monodisco a seco
Embriagem tipo	203 mm
Diâmetro do disco	3,53 . 1
Redução primeira	2,16:1
Redução segunda	1,38:1
Redução terceira	1,00:1
Redução quarta	3,08:1
Redução 5ª	3,89:1
Suspensão	Mac Pherson, com braço inferior simples, braço tensor longitudinal e barra estabilizadora.
Suspensão dianteira	Mac Pherson, com braço inferior simples, braço tensor longitudinal e barra estabilizadora.
Suspensão traseira	estabilizadora.
Amortecedores (tipo)	hidráulico
Freios	hidráulico
Sistema de freio	disco
Freio dianteiro	tambor
Freio de estacionamento	mecânico/freio tras.
Servo-freio	opcional
Direção	pinhão e cremalheira
Sistema de direção	17,65:1
Redução	Diâmetro mínimo de curva (mm) 9,50
Diâmetro mínimo de curva (mm)	3,6 voltas
Barra de buchas	monobloco
Tipo de chassis	
Sistema Elétrico	12
Sistema Elétrico (volt)	alternador
Fonte de alimentação	30 ampères
Capacidade do alternador	13" x 6 0"
Rodas e pneus	6,45" x 13"
Rodas (larguras)	165 SR 13" Radial (opc.)
Pneus (larguras)	
Dimensões	
Comprimento total	4.125 mm
Altura	1.376 mm
Largura	1.587 mm
Bitola dianteira	1.520 mm
Bitola traseira	1.321 mm
Dist. entre eixos	2.489 mm
Dist. livre do solo	160 mm
Peso (ordem de marcha kg)	930

8

Estude as funções da linguagem no texto que segue: estabeleça uma ligação entre as funções presentes e os objetivos do texto.

Soldados.

.....
 Não há tempo a perder. Nos campos da Áustria e da Alemanha, os soldados do nazismo rendem-se em massa, porque sabem que a guerra está perdida e que já se iniciou a última batalha. O fascismo não está mais em condições de vos massacrar, porque ninguém mais quer obedecer-lhe, porque aqueles que têm ainda a possibilidade de fazê-lo, tentam salvar-se pela fuga.

O último minuto está para chegar. Quem continuar a se bater pelo fascismo será morto implacavelmente. Desertai. A justiça popular será implacável.

TARIZZO, Domenico. *Come scriveva la resistenza*. Florença, Nuova Italia Ed., 1969. p. 269.

9

Estude as funções da linguagem no texto que segue. De que tipo de texto se trata?

Não há vida sem células. E, a exemplo da própria vida, que tantas diversidades apresenta, variam as formas e funções das células que constituem os seres. Algumas células vivem isoladas, como seres livres e independentes; outras pertencem a comunidades displicentemente organizadas, movendo-se de um lugar para o outro ao passo que outras, ainda, vivem imobilizadas, como partes de um tecido de um organismo maior. Seja qual for sua forma ou comportamento, a célula é a unidade básica de toda a matéria viva. A natureza colocou no seu interior, em embalagem microscópica, todos os elementos e processos necessários à sobrevivência, num mundo constantemente em evolução.

PEIFFER, John. *A célula*. Biblioteca Científica Lific, Rio, Livraria José Olympio Editora, 1964. p. 9.

10

Como se manifesta a função poética no poema abaixo?
 Qual o valor expressivo das outras funções que nele aparecem?

ANUNCIAÇÃO AO POETA

Ave, ávido.
 Ave, fome incansável e boca enorme,
 come.

Da parte do Altíssimo te concedo,
 que não descansarás e tudo te ferirá de morte:
 o lixo, a catedral e forma das mãos.
 Ave, cheio de dor.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio, Imago Editora, 1976. p. 79.

Um novo colunista

JOSÉ ROBERTO TORERO

COLUNISTA DA FOLHA

O MEU nome é Leocádio, mas todo mundo me chama de Lelê e hoje eu é que vou escrever aqui. É que o meu tio, que se chama Torero, mas que eu chamo de tio, falou assim para mim;

— Lelê, hoje você é que vai assistir ao jogo e escrever a coluna. Por um bom tempo, eu não quero saber mais desse Corinthians!

— Tá bom, eu respondi, porque o meu tio é legal e sempre me traz doce, se bem que o meu pai, que é irmão do meu tio, diz que isso não se faz, porque acostuma mal o garoto, que sou eu.

O meu tio torce para o Santos, mas eu ainda não escolhi um time para torcer, porque cada um quer que eu goste de um clube diferente: o meu pai gosta do Palmeiras, o meu avô, do São Paulo, e a minha mãe gosta do Corinthians. Eles me dão um monte de camisas, shorts, chaveiros e bolas desses times, e eu já tenho uma porção de coisas de todos eles. Assim é que é bom.

Então o jogo começou e foi bem bacana. O Corinthians atacou um monte de vezes, mas o time que não era o Corinthians dava uns chutões bem fortes para a bola ir para longe. Isso não adiantava muito, porque aí os jogadores do Corinthians pegavam a bola de volta e atacavam de novo. A bola ia e voltava, ia e voltava, e até parecia um jogo de tênis.

Eu gosto de tênis e do Guga, e sempre vejo ele jogar. Mas eu não entendo o jeito que eles contam os pontos.

Aí teve um jogador chamado Luizão, que tem ão no nome mas é baixinho, que se machucou e chorou. Eu fiquei com pena dele, porque, quando eu caio e me machuco, eu também choro, e aí minha mãe passa uma coisa que arde na minha perna, e eu choro

mais ainda.

Quando os jogadores foram para o intervalo, que é uma espécie de recreio, o Galvão Bueno, que meu pai diz que detesta, mas sempre vê, ficou mostrando os gols do Flamengo, que ganhou de 4 a 0.

O técnico do Flamengo é o Zagalho, que tem cara de avô e usa um boné bem legal.

No segundo tempo, que é o nome do resto do jogo depois do intervalo, o Corinthians jogou bem à beça e deu um monte de chutes. Mas o goleiro do time que não era o Corinthians conseguia defender tudo. Ele é muito bom. Eu também gosto de ser goleiro e gosto de treinar na cama da minha mãe, porque ela é bem grande e dá para jogar a bola na parede e pular em cima da cama para pegar. Mas minha mãe não gosta que eu faça isso e diz que eu sou doido e que devia ir jogar bola lá fora, e eu respondo que eu vou se eu puder levar o colchão dela. Aí ela junta as duas sobranças, e eu sei que é melhor sair dali.

Então teve uma hora que um jogador do Corinthians deu uma cabeçada e fez o gol. Ele era careca, e eu já vi que no futebol tem um monte de carecas, e acho que isso deve ser porque eles têm muitos filhos, porque o meu pai diz que começou a perder cabelo depois que eu nasci.

Aí teve outra jogada bem bacana, o número seis do Corinthians fez outro gol, e a partida ficou 2 a 0. A minha mãe falou: “Óba!”. E o meu pai disse: “Grrr..”.

Aí o jogo acabou, e o meu pai falou: “Éta timinho de sorte”. A minha mãe disse: “Não liga para ele, meu filho, que isso é despeito”. E o meu tio continuou dormindo.

Então eu fui para o meu quarto e sonhei que era um goleiro que defendia muitas bolas. Mas tinha um colchão bem grande debaixo do gol que era para eu não me machucar.



Perrella e querela

Quem quiser saber um pouco mais sobre a história do Cruzeiro pode recorrer ao livro “De Palestra a Cruzeiro - Uma História de Glórias”, de Plínio Barreto e Luiz Otávio Trópia Barreto (informações: lobt@ig.com.br). O livro tem belas fotos e conta bem, década por década, a trajetória do clube e de seus principais jogadores. Porém algumas informações não batem com o “Guia dos Craques”, de Marcelo Duarte, e com o “Quem é Quem”, da revista “Placar”. Qual está certo? Não sei. De qualquer forma, a obra tem um pecado: o capítulo chamado “Zezé Perrella, um vencedor”. Mesmo que ele tenha sido o financiador do livro, pega mal dar-lhe tanto destaque. Perrella deveria estar apenas no capítulo “Todos os presidentes”, e não ocupando o dobro do espaço dedicado a Tostão ou Dirceu Lopes. Os times e os livros ficam, os presidentes passam.

@ → E-mail torero@uol.com.br